UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA
VIDA E SAÚDE

**AS PRÁTICAS CORPORAIS DE LUTAS PELA ORDEM DO
DISCURSO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves

Orientadora:
Méri Rosane Santos da Silva

RIO GRANDE
2012

Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves

**AS PRÁTICAS CORPORAIS DE LUTAS PELA ORDEM DO
DISCURSO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Prof^ª Dra. Méri Rosane Santos da Silva.

RIO GRANDE

2012

AGRADECIMENTOS

Ao fim de dois anos de estudos dedicados ao mestrado, percebo quantas pessoas fizeram parte não só deste trabalho, mas, principalmente da minha formação. Das conversas informais aos encontros de discussões com o grupo de pesquisa no centro esportivo da FURG, das orientações às diferentes disciplinas que cursei durante esse período, é impossível não reconhecer a construção coletiva que deu vida a esta dissertação.

É pensado nisso, que agradeço a cada pessoa que contribuiu para a elaboração deste trabalho. A professora Méri, por todas as orientações, conselhos, indicações, cobranças, enfim, por ter me oportunizado a possibilidade de exercitar outros olhares para o modo de pesquisar. Aos professores, Luiz Carlos Rigo e José Geraldo Soares Damico, que tanto contribuíram para a realização deste trabalho e gentilmente aceitaram participar de sua avaliação.

Agradeço imensamente as inúmeras colaborações do Professor e amigo Luiz Felipe Hecktheuer, por todas as conversas, leituras e escritas, pelo apoio e incentivo. A Professora Rose Méri Santos da Silva, pelos “bate-papos acadêmicos” durante as disciplinas que cursamos juntos. A Professora Raquel da Silveira, pela amizade e por estar sempre disposta a ajudar. A todos orientandos e orientandas de mestrado e de doutorado da Professora Méri, por toda motivação e contribuições que me moveram durante esse período. Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências, por todos questionamentos e colocações durante os seminários gerais. Agradeço, também, a todos meus amigos que se fizeram presentes em diferentes momentos da minha formação acadêmica, dentre e fora da universidade.

Para finalizar, registro minha eterna gratidão a minha família, especialmente, a Luciana, minha namorada e amiga que tanto amo e admiro, muito obrigado pela compreensão e companheirismo nesta jornada, por vezes, tão difícil. A minha mãe Rosélia e ao meu avô Luiz, por todo o amor, carinho e dedicação que constituíram a base da minha formação.

AS PRÁTICAS CORPORAIS DE LUTAS PELA ORDEM DO DISCURSO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo problematizar a constituição das Lutas enquanto um saber produzido pelo discurso científico, no qual a Educação Física se apóia. Diante da proliferação de significados atribuídos a essas práticas corporais, tanto dentro quanto fora do cenário acadêmico, chama a atenção o quanto elas são atravessadas por um sentido educativo. Assim, esta pesquisa se configura num processo de escrita-pensamento estruturado em dois artigos. O primeiro movimento (artigo I) é dedicado a identificar e problematizar como essas práticas corporais são produzidas enquanto um saber que compõe a Educação Física brasileira, a partir do que se fala sobre o tema no âmbito acadêmico. Desse modo, com base num exercício de análise discursiva, inspirado nas pesquisas do filósofo Michel Foucault e nas contribuições da teoria enunciativa em Dominique Maingueneau (1997), foi possível elencar as principais formações discursivas que orientam a discussão sobre Lutas dentro da Educação Física. Já o segundo movimento (artigo II) trata de problematizá-las através da constituição das formas de pensamentos lançados a elas, em diferentes momentos da construção da Educação Física brasileira. Por meio de um exercício genealógico, essas práticas aparecem como mais um instrumento produzido para pedagogizar corpos. Em conjunto, os dois artigos demonstram alguns movimentos de pesquisa e deslocamentos analíticos, escolhidos na tentativa de perseguir e evidenciar alguns elementos da construção dessas práticas corporais, a partir de um filtro de regimes de verdades que as colocam na ordem do discurso científico. No contexto geral, esta dissertação tenta contribuir para uma atitude de estranhamento do que, muitas vezes, é tomado tranquilamente como verdade.

Palavras-chave: Lutas; Educação Física; Discurso Científico; Verdade.

THE PRACTICE OF PHYSICAL FIGHTS FOR THE ORDER OF SCIENTIFIC DISCOURSE ON THE PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

This thesis aims to discuss the constitution of the fights while a knowledge produced by scientific discourse, in which physical education is based. Given the proliferation of meaning attributed to these bodily practices, mutually within and outside in the academic setting, draws attention to how much they are crossed by an educational sense. Thus, this research sets in a process of writing- thinking structured in two articles. The first movement (Article I) is dedicated to identify and discuss how these body practices are produced as a knowledge that compose the Brazilian Physical Education, from what is said about the topic in the academic area. Thus, based on exercise of discursive analysis, inspired in the researches by the philosopher Michel Foucault and the contributions of the theory of enunciative by Maingueneau Dominique (1997), it was possible to list the main discursive formations that guide the discussion about fights within the Physical Education. The second movement (Article II) comes to discuss them through the creation of thought forms issued to them at different times of the construction of the Brazilian Physical Education. By means of a genealogy's exercises, these practices appear as another tool produced to educated bodies. Together, the two articles demonstrate some movements and displacements of the analytical research, chosen in an attempt to chase and highlight some elements of the construction of these body practices, from a filter of truth regimes that put them in the order of scientific discourse. In the general context, this dissertation attempts to contribute to an attitude of suspect that often is taken as truth quietly.

Keywords: Fights, Physical Education, Scientific Discourse; Truth

SUMÁRIO

1. Brincando de Escrever – um “faixa preta” e um pouco de si	07
2. A Trama de Constituição desta Dissertação	09
3. Movimentos de Pesquisa	16
4. Artes Marciais e Lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da Educação Física brasileira	19
5. Uma problematização acerca das Lutas enquanto saber da Educação Física: um instrumento para pedagogizar corpos	37
6. Arremates Provisórios: a Educação Física e a produção de verdades acerca das práticas corporais de Lutas	57
7. Referências	62

1) BRINCANDO DE ESCREVER – UM “FAIXA PRETA” E UM POUCO DE SI

Escrever uma crônica não é tarefa fácil, ainda mais quando se está mergulhado em leituras de textos acadêmicos e delimitado por uma formalidade de escrita que não te dá autonomia pra embarcar em qualquer pensamento que venha a mente. Falo isso, porque caracteriza o momento que vivo. Momento de leituras, reflexões, escritas e prazos.

E por falar em autonomia e estilo de escrita, lembro-me de um dos meus professores do mestrado que chama de “capa preta” aqueles pensadores de grande influência em determinado assunto e que conseguem escrever coisas interessantíssimas sem, necessariamente, estarem aprisionados às normas que regem a escrita científica.

Pois bem, não sou nenhum “capa preta”, mas se o “preto” que dá cor a “capa” significa ter autoridade ou propriedade em determinado assunto, o fato de eu ser “faixa preta” – fruto de alguns anos dedicados à prática do Taekwondo e de outras Artes Marciais – pode ser um tema interessante para ser desenvolvido neste pequeno texto. Mas não quero falar aqui sobre como é ser um lutador nem tentar demonstrar o quanto praticá-las pode ser bom ou ruim. Quero escrever um pouco sobre o que me motiva a praticar, pensar e discutir as Artes Marciais enquanto uma prática corporal que perpassa minha vida desde a infância.

Por isso, quando penso nas práticas de Lutas ou de Artes Marciais (como queiram) me sinto instigado a refletir o quanto nossas experiências, os lugares que passamos ou ficamos, as pessoas que convivemos, os grupos os quais pertencemos, as vozes e as imagens que nos interpelam em determinado tempo e espaço, nos constituem enquanto sujeitos. Sujeitos a uma maneira singular de pensar, de agir de escolher. Enfim, ao pensar como me constituí enquanto eu mesmo, enquanto sujeito ao que sou e ao que penso se torna inegável a grande contribuição (seja ela positiva ou negativa) que as Artes Marciais tiveram nos caminhos que percorri. Porém, não gostaria que a leitura deste texto implicasse

em uma ideia saudosa ou apaixonada da minha relação com essas práticas corporais. Até porque, não me considero um fanático por Lutas, nem as vivencio tanto quanto alguns amigos que praticam. Mas não posso desconsiderar que elas estiveram presentes nas principais escolhas que tive de fazer. E é isso que acho interessante, é pensar como alguns elementos do nosso cotidiano podem tomar dimensões inesperadas ou simplesmente serem guardados, ou até mesmo, esquecidos em algum momento de nossas vidas.

Nesse sentido, coloco as Artes Marciais sempre nas margens do que sou. Por vezes elas estabelecem limites bem demarcados como linhas que separam tudo a que pertenço do que não faço parte. Em outros momentos nem tanto, as linhas aparecem borradas, quase imperceptíveis, mas nem por isso deixam de caracterizar de alguma forma meu envolvimento com essas práticas corporais. Quando criança elas estavam nos filmes, seriados de TV e no sonho de ser ninja. Na adolescência elas me levaram às competições esportivas, treinamentos rigorosos e ao sonho de ser faixa preta, campeão olímpico, talvez um mestre de Taekwondo. Hoje, a faixa preta está guardada no armário e o título de mestre que busco não é o mesmo que almejei na adolescência. Os treinamentos rigorosos, os rituais orientais, as competições esportivas e as lutas tornaram-se apenas objeto de pesquisa e talvez se façam mais presentes, hoje, no meu cotidiano do que há alguns anos atrás. Nesse caminho que percorri já não sei se fui eu quem não as deixou esquecidas em algum momento da vida ou se foram elas, as Artes Marciais, que fizeram questão de me acompanhar.

Enfim, não sei se isso que escrevi pode ser considerada uma crônica; talvez um relato ou desabafo de uma das coisas que me inquietam e me impulsionam como as Artes Marciais. Talvez isso tenha sido apenas um exercício ou brincadeira de “capa preta” ao escrever com mais liberdade do que estou acostumado. Assim, o que fica disso tudo é um pouco da minha relação com o que hoje é meu tema de pesquisa e a tentativa de significar algo que venho (re)significando constantemente em minha vida: as Artes Marciais.

II) A TRAMA DE CONSTITUIÇÃO DESTA DISSERTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Posso dizer que das brincadeiras de “ninja” ou de “lutinha” até minha graduação em Educação Física, as Lutas (ou Artes Marciais, ou Esportes de Combate) foram práticas corporais que marcaram de forma bastante intensa meus gostos, meus hábitos, minhas escolhas pessoais, minha vida. Lembro que poucas coisas foram tão desejáveis, durante a infância, quanto minha matrícula em uma escola de *Taekwondo*¹ próximo à minha casa, aos quatro anos de idade.

Por mais que esta primeira experiência tenha durado poucos meses, foi muito intensa. Num rápido exercício de memória, lembro perfeitamente de alguns momentos das aulas que participei até ter sido retirado do grupo, por minha mãe pensar que essa prática poderia me tornar uma pessoa violenta. No entanto, minha atração por essas práticas só aumentou. Seguiu acompanhando-as nos filmes de ação, desenhos animados, jogos de vídeo-game. Passado alguns anos, motivado por alguns amigos, retornei a outra escola, também de *Taekwondo*, aos 10 anos de idade. Desde então, nunca mais parei. Meus amigos abandonaram as aulas em seguida. Para eles, o que era apenas uma fase, se tornou “coisa séria” para mim. As roupas, as faixas, os movimentos, a disciplina, os rituais, a luta, tudo ali me fascinava.

Nas Lutas, especificamente no *Taekwondo*, fui aluno, atleta e professor. Chegava a praticar de três a sete dias por semana. Durante a adolescência treinava duas vezes por dia e ajudava o professor a dar aulas para as crianças. Sem exageros, tornei essa prática parte

¹ Prática de Luta proveniente do extremo oriente asiático, especificamente das Coreias do Norte e do Sul. É amplamente praticada no Brasil desde a década de 1970. Atualmente é considerada esporte olímpico.

da minha vida, da minha rotina diária, dos meus planos para o futuro. Tomei decisões que me possibilitaram ser professor desta modalidade assim que me graduei faixa preta aos 16 anos, investimento desejado e planejado. A partir daí, passei a enxergar o *Taekwondo* como profissão. Foi assim que comecei a dar aulas, oferecendo a modalidade em academias de ginástica. Nesse período, também, tive oportunidade de conhecer uma parte da organização política e administrativa das Lutas. Exame de faixas, campeonatos, apresentações, buscas por recursos financeiros, filiação com Federação me faziam entender como essas práticas corporais funcionavam enquanto um produto. E, principalmente, que era possível vender o que, até então, eu apenas consumia.

Nesse contexto, não há como negar que meu interesse em cursar Educação Física tenha sido motivado pelas Lutas. Imaginava que isso seria algo a mais na minha carreira enquanto professor de *Taekwondo*. Afinal, não havia na cidade nenhum professor da modalidade que fosse licenciado em Educação Física. Eles dependiam de mestres² que possuísem diploma de curso superior para orientar e supervisionar suas atividades. Além disso, os efeitos da lei de regulamentação da profissão em Educação Física (Lei 9696/98), atravessavam a atuação profissional das pessoas que atuavam dando aulas de Lutas. Ouviase falar que os professores que não obtivessem essa titulação seriam proibidos de trabalhar com essas práticas corporais. Lembro-me que a discussão dividia opiniões entre os praticantes e motivava muitos a procurar formação na área. Eu fui um dos interpelados por esses efeitos. Decidi cursar Educação Física diante desse contexto. Não tinha conhecimento sobre os fundamentos políticos, muito menos jurídicos, que orientavam este acontecimento. Fiz minhas escolhas com base no que ouvia das pessoas envolvidas com essas práticas, com as quais me relacionava. Sem questionar assumi essa condição como verdadeira. Afinal, a formação traria um respaldo científico para minha atuação.

Já na graduação, pude enxergar outros horizontes. Percebi que as Lutas não tinham a dimensão que havia projeto em minha vida. Encantei-me com outras oportunidades que a Educação Física poderia me proporcionar. Participei de grupos de estudos e de pesquisa em políticas públicas de esporte e lazer, educação física escolar, memórias, ginástica, entre outros. Até que decidi retomar o que motivou a ingressar no curso, as Lutas. Para isso, tive

² Titulação atribuída aos praticantes que possuem uma graduação superior ao 4º *Dan* (quarta etapa após a faixa preta), e que são responsáveis por coordenar e orientar uma rede de professores que disseminam a prática sob sua supervisão.

que buscar auxílio em outra instituição³, já que não havia nenhum professor interessado em orientar o tema na Universidade em que eu estava. Assim, passei a fazer parte do grupo de estudos em Lutas da FURG, com a Prof^a. Ms. Raquel da Silveira que orientou a realização do meu trabalho de conclusão de curso⁴.

Essa tentativa de retomar sucintamente o histórico sobre o meu envolvimento com o tema que pesquiso não se restringe apenas ao objetivo de elaborar uma apresentação contextualizadora desta dissertação de mestrado. Ela tem, desde já, um objetivo analítico. Ao perceber a trama que me constituiu em diferentes momentos enquanto aluno, praticante, atleta e professor dessas práticas corporais, me pego num exercício de pensamento acerca do meu próprio envolvimento com as Lutas. Vejo em minha própria experiência, como é possível lançar múltiplos olhares, atribuir diferentes significados, produzir outras verdades sobre a mesma coisa. Nessa tessitura, tive oportunidade de experimentar meu objeto de estudo por diversas perspectivas. Hoje, por exemplo, na condição de pesquisador, meu interesse é problematizar. Minha pretensão de usar a graduação em Educação Física como estratégia potencializadora de uma possível atuação profissional com o *Taekwondo* se perdeu no momento em que passei a suspeitar daquilo que em determinado momento tomei como natural.

Minha inquietação frente ao que era inquestionável, ou àquilo que cheguei aceitar que não haveria outra maneira de pensar, motivou meus primeiros exercícios de pesquisa. Foi durante o trabalho de conclusão de curso que minha vivência com as Lutas e minha formação enquanto professor de Educação Física interagiram, numa relação produtiva. A pesquisa, um exercício etnográfico com um grupo de praticantes de *judô* da cidade de Pelotas-RS, foi impulsionada por minha curiosidade sobre os significados que eles atribuíam a essas práticas e que, ao mesmo tempo, as mantinham aceitas socialmente. Estava interessado na relação entre os aspectos esportivos, cada vez mais racionalizados, e

³ Minha graduação em Educação Física foi realizada na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas – RS (ESEF/UFPEL). Porém, minha iniciação em estudos relacionados às práticas corporais de lutas, se deu no curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande-RS (FURG), por intermédio da Prof^a Ms. Raquel da Silveira, titular da disciplina *Lutas* do curso.

⁴ *As lutas e sua vinculação com os esportes modernos: um estudo etnográfico sobre uma equipe de judô de Pelotas –RS.*

as características ritualísticas, orientais, religiosas e filosóficas, que frequentemente eram solicitadas para contextualizá-las.

Foi, então, que passei a pensá-las enquanto tradições inventadas⁵, principalmente, por seus aspectos de “formalização e ritualização” a referirem-se ao passado (HOBSBAWM, 2008, p.12). A preservação de determinadas formalidades, o cuidado em remeter alguns gestos ao Oriente, evidenciavam algumas características próximas das categorias elencadas por Eric Hobsbawm (2008, p.17) para reconhecer tradições inventadas:

a) Aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

Foi partindo dessas análises que ingressei no mestrado⁶. Passei a investir nas Lutas pensando em uma possível (re)configuração dessas práticas corporais a partir das influências, principalmente, esportivas que elas sofriam. Mas, logo percebi que havia algo mais para olhar e que passava da aceitação de que essas práticas estavam em “transformação” ou que sua configuração esportiva as mantinham aceitas e em funcionamento na sociedade. Era a suspeita sobre o meu próprio olhar de pesquisador lançado para o objeto. Percebi que estava assumindo algumas condições *a priori*, como o *status* esportivo que a elas é atribuído.

Foi, então, que comecei a exercitar a tentativa de problematizar, transformar em problema aquilo que, até então, não me causava estranhamentos. Estimulado constantemente pelos grupos de pesquisa, pelas disciplinas que cursava e pelas discussões que assistia e participava, passei a formular perguntas que me fizeram pensar sobre qual o interesse em pesquisar Lutas. Como estas práticas corporais tornam-se objeto de discussão científica através, principalmente, da produção de conhecimento da Educação Física?

⁵ Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao seu passado (HOBSBAWM, 2008, p.9).

⁶ PPG Educação em Ciências: química da vida e saúde – Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Assim, o problema de pesquisa tomou forma em questões acerca da relação de pertencimento estabelecida entre as Lutas e este campo de saberes sobre o corpo. *Como e porque* estas práticas corporais ganham *status* de saber? *Como* Educação Física se constitui em um *filtro científico* responsável por selecionar o que elas possuem ou não de educativas? São perguntas que constituem o eixo central das problematizações que estruturam esta dissertação.

Um exercício constante de leitura, pensamento e escrita sobre o tema começou a dar forma ao primeiro artigo que compõe esta dissertação. A partir do manuseio de cinco periódicos brasileiros de Educação Física⁷ e na busca de mapear os principais aspectos que guiavam as pesquisas sobre Lutas, percebi que essas práticas não eram facilmente definidas. Com base nos artigos encontrados e analisados, foi possível notar uma proliferação de diferentes pensamentos dedicados a elas. Assim, essas práticas corporais aparecem tanto pela vontade de inseri-las na escola, enquanto práticas educativas, quanto assumidas como práticas esportivas de rendimento. Perspectivas distintas discutindo o mesmo objeto.

Num exercício de análise discursiva inspirado nas pesquisas do filósofo Michel Foucault e nas contribuições da teoria enunciativa em Dominique Maingueneau (1997) pude perceber duas formações discursivas que orientavam a discussão sobre Lutas. Compondo um tensionamento discursivo, os artigos desenhavam um campo de batalha entre uma noção preservacionista ou orientalista dessas práticas e uma noção dedicada a pensá-las enquanto mais uma prática corporal que deve ser avaliada, sistematizada, qualificada pela Educação Física para ser utilizada, tanto para educação do corpo como moldadas em práticas esportivas, por exemplo.

A noção preservacionista, pelo qual o assunto é tratado, caracteriza-se, principalmente, pela ênfase de seus aspectos orientais. Esses artigos, tomados enquanto enunciados dessa formação discursiva, evidenciam uma suposta originalidade que deve ser preservada em vistas de possíveis deturpações sofridas, em função da significação esportiva atribuída a essas práticas. Nesse sentido, com base em Said (2008), diria que os enunciados analisados as orientalizam. Nomeando-as de Artes Marciais, ou Lutas orientais, para citar alguns exemplos, os textos exaltam uma noção de Oriente que é inventada e

⁷ Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Movimento, Revista Motriz, Revista Pensar a Prática e Revista Motrivivência.

assumida como original, a partir de uma associação direta a tudo que é exótico e seminal. Já a outra formação discursiva, caracteriza-se pelo trato mais ocidentalizado para com essas práticas. Nomeando-as de Lutas, Esportes de Combate, Jogos de Lutas, em que eles reforçam um olhar cientificizado, preocupado com sua pedagogização, quando o interesse é assumi-las como conteúdo da Educação Física escolar, ou com a maximização de sua utilidade para o esporte.

Diante das análises realizadas, surgiram alguns efeitos no modo de pensar essa disputa discursiva que produz as Lutas numa relação de pertencimento à Educação Física. Indicativos que deslocaram o investimento para o segundo artigo da dissertação. Com base no desenho construído pelo primeiro artigo, pude notar um terreno fértil para outras problematizações. Passei a estranhar como as Lutas tomaram a dimensão de um saber a ser conhecido, qualificado, quantificado, passível de dedicação acadêmica/científica através da Educação Física. Notava, a partir das últimas publicações analisadas, que as Lutas apareciam no centro de preocupações acerca dos conteúdos escolares selecionados para compor esse conjunto de saberes dedicado ao corpo. Entre a proliferação das tentativas de nomear e classificar as Lutas, de definir o que elas são, o aparecimento de propostas de sistematização do ensino dessas práticas potencializa uma noção naturalizada do seu pertencimento a um campo de saberes e que me levam à questão: como as Lutas se constituíram enquanto um dos saberes da Educação Física?

A partir disso, dedico-me a identificação de alguns aparecimentos das Lutas através do olhar lançado a diferentes momentos históricos da Educação Física brasileira. Nessa perspectiva, o artigo toma como *corpus* de análise desde obras como Fernando de Azevedo (1960)⁸, Coletivo de Autores (1992), Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), até textos/artigos publicados na primeira metade do século XX, na Revista de Educação Física, um dos primeiros periódicos nacionais da área.

]Inspirado na genealogia foucaultiana, como atitude de pesquisa, foi possível extrair dos textos encontrados um desenho de como as Lutas são produzidas enquanto mais um instrumento educativo para o corpo. Do seu surgimento nas Escolas de Educação Física do Exército até sua consolidação nos currículos de cursos de formação de professores, as Lutas acompanham as diferentes perspectivas que investem em pensar a educação do

⁸ Obra publicada pela primeira vez na década 1920 com título: Da Educação Física: o que é, como tem sido e o que deveria ser.

corpo. Desde seus primeiros aparecimentos como mais um tipo de ginástica e de esporte, até sua indicação como um bloco de conteúdo na Educação Física escolar (COLETIVO DE AUTORES, 1992; BRASIL, 1998), essas práticas se potencializam enquanto mais um saber que compõe a Educação Física.

III) MOVIMENTOS DE PESQUISA

Diante da dissertação que apresento, talvez, esta seja a parte mais difícil e mais importante para explicar. Pretendo aqui descrever algumas escolhas, decisões tomadas durante a pesquisa e o exercício de pensamento dedicado às Lutas. Penso que seja difícil porque não se trata de definir uma metodologia, elencar processos escolhidos *a priori*, pelos quais fiz passar meu objeto. Tentarei apresentar decisões possibilitadas durante o processo de pesquisa. Por isso, a ideia de *movimentos de pesquisa*. Essa foi minha primeira escolha, *movimentos* invés de *procedimentos metodológicos* ou *metodologia*.

Arrisco-me a tratar desses movimentos como inspirações. Assumo que a maneira de proceder com a pesquisa leva o peso de escolhas, de certa forma, condicionadas pela coerência que formaliza o processo. Não basta fazer, é preciso dizer como foi feito. Mas o fato de eu lançar mão da análise discursiva foucaultiana, por exemplo, não significa que eu a tenha feito exatamente. Daí tomá-la como inspiração no primeiro artigo. Assim como a genealogia me ajudou a pensar a temática no segundo artigo. Tudo isso atravessado por leituras sobre cartografia social ou *rizomática*. Essas foram as inspirações que ativaram esta pesquisa. Trato-as assim porque não foram definidas de antemão. E, sim, assumidas durante o exercício de elaborar perguntas sobre o tema. Talvez tenha sido este o movimento principal, exercitar a dúvida. Aprender a suspeitar do que está evidente.

A partir de Restrepo (2008), tentei transformar as Lutas e sua relação com a Educação Física em problema através de um processo de problematização. O que me motivou a olhar para as Lutas enquanto objeto de pesquisa desta dissertação foi o interesse em ver como essas práticas corporais foram produzidas dentro do jogo do verdadeiro e do falso que constitui e delimitam determinadas formas de pensar o saber científico (através da Educação Física). Assim, passei a realizar meus primeiros investimentos, no mapeamento das produções acadêmicas acerca do tema⁹.

⁹ Primeiro artigo.

Dedicando-me a uma maneira de operar próxima da análise discursiva, passei a assumir os artigos analisados enquanto enunciados que produziam e potencializavam as Lutas como práticas corporais pertencentes à Educação Física. As noções de *formações discursiva* em Foucault (2010) e de *universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo* de Maingueneau (1997) me ajudaram a desenhar, dentro do pensamento dedicado às Lutas, duas formações discursivas em disputa que denominei de Artes Marciais e de Lutas. Duas noções encontradas nos artigos analisados e que evidenciavam essas práticas corporais como merecedoras de dedicação acadêmico/científica. Foi a partir desses resultados, que passei a ampliar (deslocar) meu olhar para uma análise sobre a constituição dessas práticas enquanto um dos saberes que constituem a Educação Física.

Na transição do primeiro para o segundo artigo meus investimentos foram guiados por duas possibilidades que se apresentavam. Poderia seguir no desdobramento das formações discursivas que produziam as Artes Marciais e as Lutas ou priorizaria o movimento de olhar para o surgimento dessas práticas corporais enquanto saber acadêmico/científico. Assumindo o preço do deslocamento, decidi investir na segunda opção. Para isso, abandonei as distinções entre Artes Marciais e Lutas. Prefiri olhar para sua construção dentro da Educação Física, independentemente, do significado ou classificação que assumiam. E, por uma questão de método, tentei me aproximar de um exercício genealógico, partindo dos aparecimentos das Lutas em diferentes modos de pensamentos pelos quais a Educação Física brasileira se constituiu. Assumindo alguns conceitos foucaultianos (Regimes de verdade; Discurso científico; Formação dos objetos), enquanto ferramentas analíticas, foi possível perceber as Lutas como mais um instrumento para pedagogização dos corpos através da Educação Física.

Por outro lado, não posso deixar de mencionar um dos movimentos que mais contribui para formação de um pensamento analítico (problematizador) para realização desta pesquisa: as leituras sobre cartografia social ou *rizomática*. Mesmo reconhecendo que esta dissertação não constitui uma cartografia, minhas atitudes, enquanto pesquisador, foram motivadas por inspirações na *teoria do pensamento múltiplo* trabalhada em *Mil Platôs* pelos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995). A tentativa de não estabelecer procedimentos *a priori*, de escapar de modelos teórico-metodológicos adotados de antemão têm grande peso nessa maneira de pesquisar, na formação de um “*ethos*”

cartográfico (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2010, p. 202). Atitude que orientou o modo de olhar e as escolhas de investimentos no objeto.

Transformar as Lutas em problema e fazê-las passar pelo filtro de um pensamento ou modo de operar cartográfico possui um grande peso quando o objetivo é descrever os movimentos de pesquisa pelos quais se constituíram este estudo. Movimentos que talvez não estejam explícitos nos dois artigos que compõe a dissertação, mas que fazem parte da construção de um pensamento sobre o tema, ou desconstrução. Falo em desconstruir, por ser isso que me atrai em pesquisá-la, a possibilidade de testar sua estabilidade, de suspeitar do que até pouco tempo era facilmente aceitável por mim.

Retomando o começo. A explicação dos movimentos de pesquisa continua sendo a parte mais difícil dessa apresentação. Difícil porque gostaria de explicitar os movimentos, sem fixar procedimentos, não foi isso que fiz. Por isso, prefiro assumir a análise discursiva, a genealogia e cartografia (baseado no referencial teórico de Foucault e de Deleuze e Guattari) como inspirações metodológicas. Ferramentas que me ajudaram na problematização do meu objeto de pesquisa e na formulação de pensamentos analíticos sobre ele.

IV) ARTES MARCIAIS E LUTAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE SABERES NO CAMPO DISCURSIVO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA¹⁰

RESUMO

A discussão acerca das Artes Marciais e das Lutas tem aparecido com mais frequência no cenário acadêmico da Educação Física nacional. Diante disso, este estudo tem por objetivo identificar e problematizar como estas práticas são produzidas enquanto um saber pertinente a ser abordado por essa área de conhecimento. A partir de alguns pressupostos da análise discursiva foucaultiana, pode-se dizer, através da seleção de artigos de cinco periódicos nacionais, que as concepções de Artes Marciais e de Lutas aparecem como duas formações discursivas em disputa produtiva. Dessa forma, elas tecem um campo de batalha discursiva que constitui modos de pensar, praticar e falar dessas práticas, a partir das diferentes bases epistemológicas que as sustentam.

PALAVRAS-CHAVE: Artes marciais; lutas; campo discursivo; discurso científico.

CONSTRUINDO O OBJETO DE PESQUISA

Os diferentes significados atribuídos às Artes Marciais e às Lutas permitem que essas práticas corporais circulem e sejam apropriadas por várias esferas da sociedade. Atualmente, podemos considerá-las enquanto atividade de lazer, exercício que visa o aumento da aptidão física, defesa pessoal, prática esportiva, além de serem constantemente associadas a um estilo de vida e orientadas por determinados valores culturais. Essas práticas corporais, enquanto objeto de significação, ganham cada vez mais espaço em academias de ginástica, clubes esportivos, escolas entre outros ambientes, tornando-se suscetíveis a um “complexo e indeterminado processo de transformação” (SILVA, 2003, p.20), o qual faz delas uma prática social imbricada em diferentes contextos.

¹⁰ Artigo encaminhado para Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

No que diz respeito ao conhecimento produzido sobre elas no universo acadêmico, especificamente através da Educação Física, a situação não é diferente. São elas entendidas tanto como uma atividade milenar, atrelada a determinadas orientações filosóficas e religiosas, quanto uma atividade física e esportiva, apropriada enquanto práticas escolares e não-escolares. Na tentativa de delimitar os significados dessas práticas corporais, estudos como o de Correia e Franchini (2010) indicam a possibilidade de nomeá-las de três maneiras diferentes¹¹: (1) Artes Marciais, (2) Luta e (3) Modalidades Esportivas de Combate. No mesmo sentido, Gomes et al. (2010) também sugerem definições, que, por sua vez, delimitam as Artes Marciais ou Lutas a uma concepção esportiva. Assim, elas aparecem assumindo múltiplos significados. No que concerne à atribuição e produção de sentidos, podemos dizer que este tema aparece de forma variada de acordo com as bases epistemológicas que se propõem discuti-lo. Logo, encontramos maneiras diferentes de nomear uma mesma prática corporal, bem como práticas diferentes reconhecidas pelo mesmo nome. Com isso, falar sobre essas práticas nos afasta de definições acabadas. Artes Marciais e Lutas, por exemplo, são termos, muitas vezes, utilizados sem que se suspeite ou problematize o que, de fato, nomeiam.

Diante disso, proponho neste artigo indicar um modo de pensar sobre essas práticas que escape das formas pelas quais estão sendo predominantemente pensadas e produzidas pelos discursos reiterados por textos acadêmicos nacionais atualmente. Em outras palavras, lanço um olhar de suspeita ao assunto a fim de problematizar a multiplicidade de sentidos atribuídos. Para isso, inspirando-me em Foucault (2008, p.158), realizo um primeiro movimento que implica o esforço de um “tríplice deslocamento”¹² em relação ao objeto de

¹¹ De acordo com os autores: (1) artes marciais são práticas atreladas a uma noção metafórica de guerra; (2) luta assume uma dimensão polissêmica, remetendo, de maneira mais ampla, aos embates físicos/corporais, caracterizados pela subjugação entre oponentes; (3) modalidades esportivas de combate nomeiam as práticas corporais de lutas e artes marciais que assumem uma sistematização de combate, orientadas a partir das decodificações propostas pelas instituições esportivas. As três definições propostas por Correia e Franchini (2010) parecem bem demarcadas, porém, considerarei apenas os dois primeiros termos, (1) artes marciais e (2) lutas, para discutir a tensão que eles exercem num espaço de significação dessas práticas. Isso não quer dizer que o terceiro termo apontado pelos autores, (3) modalidades esportivas de combate, seja excluído, apenas considero que o significado atribuído a este, já esteja imbricado no segundo termo utilizado pelos autores.

¹² Na aula 8 de fevereiro de 1978 do curso Segurança, Território e População, Foucault descreve os movimentos de pensamentos que realizou com relação às prisões. Para falar de seu objeto de estudo, o autor indica um “tríplice deslocamento”, no qual, o primeiro movimento seria descentrar-

análise. Três cuidados que aqui assumo, como: (1) descentrar-me das tentativas de definições prontas acerca do tema; (2) deslocar-me de bases epistemológicas que fixam essa discussão sob determinados aspectos e (3) recusar-me a adotar o conhecimento produzido sobre essas práticas corporais de forma naturalizada, como algo instituído e aceito, acima de qualquer suspeita. Com isso, a questão norteadora deste artigo toma forma e o que se torna interessante aqui é perceber de que forma esse tema é entendido, de modo a constituir um objeto de saber¹³. Ou melhor, como estas práticas corporais aparecem no universo acadêmico e científico a partir do que se fala sobre elas? Como o movimento de produção do conhecimento constitui um saber pertinente aos domínios da Educação Física?

Indo mais adiante, diria que se deslocar dos pensamentos instituídos sobre essas práticas corporais indica outro movimento. O que me leva a reconhecer na linguagem¹⁴ a possibilidade de entender essas práticas corporais como produtos de conceitos, juízos e verdades fabricados tanto por praticantes ou acadêmicos quanto por aqueles que não foram interpelados por elas. Através da linguagem, enquanto “objeto de nosso saber e matéria-prima de nossas ações” (LAROSSA, 2001, p.70), nos expressamos, nos comunicamos, damos sentido às coisas. É dessa forma que atribuímos e assumimos significados que nos permitem um entendimento plural das Artes Marciais e das Lutas. Nesse sentido, tomando a linguagem não apenas como um conjunto de signos, palavras ou frases, mas assumindo-a em sua função enunciativa (FOUCAULT, 2010), foram analisados 26 artigos¹⁵, que

se da problemática da instituição; o segundo indica o deslocamento do ponto de vista funcional para ressituar as prisões, seu objeto de pesquisa, numa economia geral de poder; e o terceiro seria o movimento de recusar-se a adotar um objeto de forma naturalizada.

¹³ Equiparo as Artes Marciais e as Lutas ao que Foucault (2010) considera objeto de saber, por se tratar de práticas corporais que o discurso da Educação Física - enquanto ciência - passa a relacionar, classificar e nomear, tecendo uma rede de conhecimento sobre elas.

¹⁴ Sem restringi-la a sua forma verbal, mas considerando-a em sua multiplicidade, Larrosa (2001), a partir das hipóteses nietzscheanas, aponta a linguagem como um dos produtos do instinto de conservação da vida humana, ou seja, uma forma de expressar e constituir os modos particulares de vida em sociedade. Através dela, se consolida o que mais adiante deve ser entendido como verdade e contrastado do que é mentira.

¹⁵ A seleção dos artigos foi realizada a partir da temática abordada. Assim, a busca se deu a partir dos títulos e resumos de todas as edições dos 5 periódicos delimitados a fim de encontrar textos que se dedicaram a discutir as Artes Marciais e as Lutas como tema central. No quadro I (apêndice), estão indicadas as referências que constituem o *corpus* empírico deste estudo.

discutem as práticas de Artes Marciais ou Lutas. O material empírico é proveniente de 5 periódicos nacionais que tratam de temas pertinentes a uma abordagem ligada às Ciências Humanas como: Motrivivência, Motriz, Movimento, Pensar a prática e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE).

Tendo em vista as possibilidades de discussões, dedico-me a problematizar as concepções produzidas pelo universo científico acerca dessas práticas corporais, restringindo-me àquelas reconhecidas por seus vínculos culturais com o extremo oriente¹⁶. Para isso, opero com a noção de análise discursiva, assumindo como movimento de pesquisa a descrição de dispersões enunciativas, a busca de diversas possibilidades de se ativar um tema e produzir diferentes maneiras de se pensar sobre ele (FOUCAULT, 2010). Assim, a análise realizada exigiu um trato do *corpus* empírico enquanto um conjunto de elementos enunciativos. Os textos selecionados são peças, formações discursivas que constituem um discurso acerca das práticas das Artes Marciais e das Lutas e sua relação com a Educação Física brasileira. São enunciados que ativam manifestações de um saber, produzindo determinadas maneiras de pensar e conceituar assuntos pertinentes a determinada área de conhecimento (VEIGA-NETO, 2007).

ARTES MARCIAIS OU LUTAS? TECENDO UM CAMPO DE BATALHA

A partir dos artigos delimitados para a análise, foi possível ensaiar alguns pensamentos sobre as práticas discursivas¹⁷ que sustentam e significam as Artes Marciais ou Lutas enquanto objeto de pesquisa. Nas publicações, elas aparecem tanto como assunto central de discussão quanto cenário para abordar outros assuntos como gênero, educação

¹⁶ Para evitar possíveis equívocos, considero para este trabalho apenas as práticas corporais de lutas provenientes de uma cultura extremo oriental. Reconheço a existência das práticas corporais de Lutas provenientes de outras culturas – ocidentais e do oriente médio – e por ter consciência de suas diferenças, assumo apenas as do extremo oriente como objeto de análise. Desse modo, restrinjo minha análise às discussões acerca das práticas reconhecidas como: *Karatê, Taekwondo, Judô e Kendo*, por se tratar de modalidades presentes nos artigos selecionados.

¹⁷ Sobre práticas discursivas, de acordo com Foucault (2002, p.136): “Não podemos confundi-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência, nem com a ‘competência’ de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa”.

física escolar, atividade física e treinamento desportivo. No que diz respeito às discussões estabelecidas nos textos, percebe-se que os argumentos sustentados por seus autores indicam a existência de um campo de disputa, um campo discursivo¹⁸ (MAINGUENEAU, 1997) tensionado entre dois conjuntos de formações discursivas que constituem a noção de Artes Marciais distinguindo-a da concepção de Lutas.

Com base nos 26 artigos analisados, são marcantes as tentativas de definir uma classificação que dê conta de fixar determinado modo de nomear e dar sentido a essas práticas corporais. Alguns as assumem enquanto Artes Marciais, outros tratam como Lutas, sem mencionar outras formas esporádicas de classificá-las como Modalidades Esportivas de Combate ou, até mesmo, Jogos de Lutas. Mas que diferença isso implica? Do ponto de vista acadêmico parece que a utilização de diferentes termos para falar de atividades tão parecidas está associada à ênfase que se deseja dar à perspectiva pela qual elas são discutidas. Assim, analisá-las por um viés pedagógico, por exemplo, implicaria classificá-las e nomeá-las diferentemente de quando são abordadas em uma perspectiva esportiva de alto-rendimento.

Contudo, é importante destacar que esta disputa nem sempre se configurou desta forma, movimentando diferentes concepções nos domínios da Educação Física. Podemos dizer que essas práticas corporais passam a constituir um saber pertinente ao universo acadêmico, a partir do momento que são entendidas como práticas esportivas, caracterizadas por passarem por um processo de esportivização, que converte ou transforma essas práticas em esporte¹⁹, através da apropriação dos códigos que orientam esse fenômeno (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2005). Especificamente, é através do estabelecimento da proposta de regulamentação da profissão de educação física²⁰ que essas

¹⁸ Maingueneau (1997) define campo discursivo como “um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região” (p.116).

¹⁹ Importante ressaltar que o significado esportivo que me refiro diz respeito à definição de esporte enquanto prática motora/corporal que González e Fensterseifer (2005) caracterizam por seus aspectos como: comparação de desempenho, igualdade entre adversários assegurada por um quadro de regras normalmente estabelecido por instituições responsáveis por promover e homogeneizar determinada prática.

²⁰ De acordo com Gonçalves Junior e Drigo (2001), a partir da legislação que regulamenta a profissão de educação física inicia-se um embate pela disputa de quem possui competência para discutir e promover a prática dessas manifestações corporais. Formalmente, este campo de disputa é configurado pelo tensionamento entre o Conselho Federal de Educação Física e as Confederações

práticas passam a compor um campo de disputa por sua legitimidade. Enquanto tema de pesquisa, essas manifestações corporais passam a constituir um assunto passível de ser conhecido, quantificado e qualificado de determinadas formas. As diversas maneiras de entendê-las e praticá-las passam a constituir um conhecimento pertinente a ciência.

Através da análise, a operação de descrever a forma como essas práticas corporais são tratadas, no que concerne ao conhecimento que é produzido sobre elas, implicou na diferenciação entre o que se apropria por Artes Marciais e o que é considerado Lutas. Termos que aparentemente significam a mesma prática, exercem tensionamentos contrários nesse campo de batalha. Por isso, baseando-me na maneira pela qual elas são tratadas, podemos entendê-las como estando agrupadas em dois espaços discursivos²¹ (MAINGUENEAU, 1997), constituindo a formação de dois pontos concorrentes: o das Artes Marciais e o das Lutas.

A partir dos textos analisados, nomear certas práticas por Artes Marciais enfatiza determinada noção geográfica e histórico-cultural do que entendemos por Oriente. Uma ideia que se aproxima do que Foucault (2000, p.17) reconhece por origem²² e se caracteriza pela busca de uma “essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo”. Os enunciados²³ que constituem essa concepção podem ser

Brasileiras de Lutas e Artes Marciais. Neste ensaio não me dedicarei a esta discussão, apenas reconheço como sendo um acontecimento importante que possibilita a essas práticas corporais serem reconhecidas de maneiras diversas na contemporaneidade.

²¹ Para Maingueneau (1997), o espaço discursivo “delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados” (p.117). De acordo com o autor, a determinação desses subconjuntos se dá pela impossibilidade de apreender um campo discursivo em sua totalidade. No caso das Artes Marciais e das Lutas, os subconjuntos se caracterizam por concepções opostas aplicadas a uma mesma prática, e/ou semelhantes, mas que mesmo em disputa, são produtivas para constituição do tema.

²² Foucault (2000) desenvolve a ideia de origem a partir de Nietzsche, assim como a diferencia da noção de proveniência e de emergência para caracterizar os movimentos de uma operação genealógica.

²³ É importante ressaltar que a noção de enunciado, de acordo com Foucault (2010), não se restringe a frases ou parágrafos. Por mais que o material empírico analisado neste estudo tenha sido composto por artigos acadêmicos, eles assim foram considerados pela função enunciativa que exercem, ou seja, “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (p.98).

aproximados de uma noção orientalista, como considera Edward Said (2007)²⁴. Assim, os artigos interpelados por essa noção, apontam para a valorização do “Oriental” como sinônimo do que é exótico, misterioso, profundo e seminal.

De acordo como Said “a palavra *Oriente* possui uma grande ressonância cultural no Ocidente” (Idem, p. 274). E é exatamente neste “*Oriente*” cultural que o conjunto de formações discursivas, ativa a noção de Artes Marciais, reforçando a ideia de que são práticas vinculadas a determinados valores morais que produzem uma conduta específica, um estilo de vida que “envolve o sujeito em outras dimensões de sua existência dentro e fora da área de luta” (RODRIGUES, 2009, p.649). Assim, elas se caracterizam por valorizar determinadas verdades, esforçando-se para recolher nelas mesmas uma origem e uma essência, anterior a tudo que é externo.

Dentro dessa concepção, podemos recortar alguns exemplos que nos ajudam a entender como se constitui o que podemos reconhecer por Artes Marciais. Rios (2005), na tentativa de resgatar e sistematizar a história do *taekwondo*, considera que esta ao passar por um processo de esportivização iniciado em 1960 perdeu alguns elementos que a caracterizava como Arte Marcial, salientando que o:

praticante de arte marcial desenvolvia técnicas que, se numa situação real de luta precisasse usá-las, derrubaria o oponente em poucos segundos. Para a apropriação dessas técnicas era necessário longo tempo, tempo que não era mais disponível, já que o novo estilo reservava este [tempo] para o treinamento de técnicas permitidas nas competições (Idem, 2005, p. 50).

É possível perceber que o olhar lançado pelo autor é orientado por um aspecto saudosista, tendendo a desqualificar outros entendimentos possíveis atribuídos a ela. Não distante disso, Yonezawa (2010, p.248) tece um elogio “filosófico e ético à prática do combate em relação à noção de luta”, ao considerar que elas atravessaram diversas mutações até adquirirem seu formato atual e culminarem em uma “transformação das Artes Marciais no que hoje se chama de técnicas de luta”. O autor enfatiza algumas transições enfrentadas por essas práticas corporais, a partir da distinção do que ele considera por

²⁴ Edward Said (2007) chama por Orientalismo o interesse - principalmente econômico - europeu e depois americano em estudar o Leste: o Oriente. Assim, o autor considera que a cultura ao atuar dinamicamente com a lógica política, econômica e militar fez do Oriente um lugar variado e complicado que fomentou o Orientalismo enquanto campo de estudo.

máquina de guerra²⁵, contrapondo-a ao que chama de técnicas de luta apropriadas pelos impérios em determinado período histórico no oriente.

Assim, trazemos aqui a noção de combate como distinguível ética, política e filosoficamente desta prática estetizada da luta. Como forma também de combate, esboçamos aqui um conceito de combate que possa trazer nova potência às Artes Marciais, talvez, de modo a avivar um pouco de sua força enquanto máquina de guerra (YONEZAWA, 2010, p.35).

No mesmo sentido, outros artigos referentes a diversas modalidades como o *karatê-Do* (LAGE; GONÇALVES JUNIOR, 2007), o *kendo*²⁶ (RODRIGUES, 2009) e o *judô* (DRIGO, 2009) também são assim caracterizados. Sem ferir as singularidades do modo em que cada texto evoca o tema, percebe-se que há uma noção de preservação que os atravessa. Transmitem a ideia da existência de uma essência (boa) que deveria ser preservada e que se perdeu com a transformação ou associação dessas práticas corporais a outros sentidos até então distintos, como é o caso do esporte.

Considerando alguns trechos dos textos analisados, sem julgar suas consistências teóricas, é possível dizer que esses artigos potencializam a ideia de que essas práticas corporais não podem ser desassociadas dos aspectos que as caracterizam como Artes Marciais. Mas, essa não é a única forma de significá-las. Seguindo para o outro extremo deste tensionamento discursivo, encontramos um espaço discursivo que podemos reconhecer por Lutas. Constituído por rupturas com a noção estritamente orientalista ele permite outro entendimento dessas práticas corporais. Através dele, elas aparecem não só reconhecidas por seus vínculos culturais com o oriente, mas, também, inseridas a outros contextos sociais. É assim que 20 dos 26 textos analisados as tratam, descentrando a noção essencialista das Artes Marciais a fim de discuti-las enquanto modalidades esportivas, atividade física ou conteúdo da educação formal. Se num extremo há uma preservação de uma prática original, no outro, está uma concepção que as possibilita serem interpeladas por outros discursos como o da ciência, da saúde, do lazer e do universo esportivo.

²⁵ O autor utiliza a expressão “máquina de guerra”, com base na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, para se referir à cultura filosófica e espiritualista das Artes Marciais, enquanto máquina produtora de determinados sentidos, atrelados a um modo de pensar que está além da sua redução em sistemas de luta, tendo como meta apenas o confronto bélico (YONEZAWA, 2010).

²⁶ Também conhecido como esgrima japonesa.

Nesse sentido, elas passam a assumir outras configurações que ainda mantêm uma relação mimética com as tradições orientais (ELIAS; DUNNING, 1992)²⁷, mas que as permitem serem entendidas e discutidas fora do orientalismo. Essa perspectiva sugere a aceitação de outras formas de concebê-las, praticá-las e inventá-las. As rupturas que constituem essas práticas corporais em sua diversidade de significações são aceitas e muitas vezes desejadas. Referir-se a essas práticas sob esta ótica implica reconhecer nelas, principalmente, um formato esportivo. Hoje, por exemplo, conseguimos diferenciá-las – *Judô, Karatê, Taekwondo*, entre outras – a partir da visibilidade esportiva que assumem. Esporte este que não restringe a prática ao formato institucionalizado, mas que a possibilita ser apropriada de diversas maneiras e em lugares diferentes.

Na diferenciação estabelecida por essas duas noções, é notável que os artigos que constituem o discurso das Lutas não se restringem a considerar essas práticas corporais apenas por um viés cultural. Em muitos casos, ao utilizar essa expressão, deixa-se de enfatizar o caráter disciplinador, ritualístico e tradicional da cultura Oriental, para associá-la a aspectos pedagógicos, esportivos e relacionados à qualidade de vida. É a partir desse entendimento que muitos autores assumem discuti-las sob aspectos variados como: educacional²⁸; tema pertinente a ser discutido por currículos (TRUSZ; NUNES, 2007) e pesquisas acadêmicas²⁹ (CORREIA; FRANCHINI, 2010); gênero (FERRETTI; KNIJNIK, 2007); rendimento esportivo (SILVA; CARVALHO, 2002; CÉSAR et al, 2002).

Ainda nesta perspectiva, dentro da concepção das Lutas, também é possível identificar alguns artigos que desenvolvem argumentos radicalmente contra as concepções essencialistas. Fett e Fett (2009) contestam os dogmatismos que permeiam a formação do professor e dos lutadores. Eles reconhecem que essas práticas assumiram um formato

²⁷ Utilizo “relação mimética” com base em Elias e Dunning (1992), por entender a *mimésis* como sendo um dos elementos, que por meio de um processo civilizador, possibilita a existência dessa manifestação sócio-cultural que denominamos desporto e que, de acordo com alguns textos analisados, torna pertinente sua aproximação do que no decorrer deste trabalho podemos entender por Artes Marciais ou Lutas.

²⁸ Enquanto conteúdo da educação física escolar (CORDEIRO JUNIOR, 1999; SILVEIRA JÚNIOR; CARDOSO, 2004; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007; NASCIMENTO, 2008; CAZETTO, 2008; LOPES; TAVARES, 2008; GOMES et al, 2010;)

²⁹ Algumas pesquisas demonstram a preocupação em formalizar o conhecimento sobre as Lutas, organizando currículos específicos para que esse conhecimento seja transmitido pela educação formal.

esportivo que exige conhecimentos científicos, que estão além das tradições das Artes Marciais. Outros autores corroboram a mesma noção quando reivindicam que a “falta de literatura específica e a visão retrógrada de que Judô se treina apenas no dojo acabou por deixar técnicos e atletas sem referencial teórico e prático de métodos mais específicos e sua forma de aplicação” (Moraes, apud Azevedo et al., 2004, p. 74). Como se pode observar, essas pesquisas assumem as práticas corporais de *Karatê* e de *Judô* enquanto modalidades esportivas institucionalizadas. E, diferentemente dos artigos anteriores, os aspectos culturais atrelados a essas Lutas são colocados em suspeita quanto à funcionalidade, quando objetiva seu desenvolvimento esportivo.

Diante disso, é interessante ressaltar que, por mais que alguns artigos não se preocupem em distinguir o uso dos termos Arte Marcial e Lutas, o “tom” no qual esses termos são utilizados implica em diferenciá-los. Na tentativa de estabelecer possíveis definições entre o que seria uma ou outra, o conhecimento que é produzido acerca do assunto constitui um campo de disputa quanto à significação dessas práticas. O sentido que orienta os argumentos encontrados é sempre perpassado por essas duas concepções (de Arte Marcial ou de Lutas) que configuram um campo de batalha discursivo. Porém, isso não significa, a partir da análise, enquadrar cada texto em um dos extremos dessa disputa, mas sim perceber que são eles, através de seus argumentos, que produzem e condicionam este campo que gera saberes e produz “vontade de verdade” (FOUCAULT, 2009, p. 16), que constituem tanto os sujeitos pertencentes a elas quanto aqueles que não são interpelados por tais práticas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Encerro este artigo - comparando-o ao ato de ensaiar - sem pretensão de esgotar o assunto. Como diria Larrosa (2003) sobre o ensaio: “o ensaísta inicia no meio e termina no meio” (p.13). Sem apresentar grandes conclusões, o que tentei aqui foi desestabilizar a discussão acerca dessas práticas corporais que aos poucos constituem um campo de saber pertinente à Educação Física. Perceber as Artes Marciais e as Lutas enquanto dois espaços discursivos produtivos em disputa está longe de querer fixar verdades sobre elas, mas sim dar visibilidade para a emergência de outras práticas de significações que as constituem em diferentes espaços sociais.

Dentre as duas formações discursivas tensionadoras, podemos destacar o primeiro subconjunto por valorizar seus aspectos preservacionistas, que caracterizam uma noção orientalista e possibilitam reconhecer determinadas práticas por Artes Marciais. Já o

segundo subconjunto, está atrelado a outros significados que nos permitem reconhecê-las enquanto Lutas e associá-las a práticas de lazer, educacionais, atividades físicas e esportivas. Ao reconhecer a dimensão que a discussão sobre este tema assume nos textos acadêmicos, é possível suspeitar que a diversidade de significações não se restrinja a disputa de legitimidade entre as concepções apresentadas. Além de dar visibilidade às Artes Marciais e às Lutas, os artigos apresentam outras formas de olhá-las e as constituem enquanto um saber passível de ser apropriado pelo universo científico.

Dessa forma, considerar as Artes Marciais e as Lutas como formações discursivas em concorrência indica a ativação de um campo de batalha discursivo no qual essas práticas corporais são constituídas. Através do conhecimento produzido sobre elas essas práticas se constituem enquanto objeto de saber de modo que possam ser medidas, avaliadas, equiparadas de diferentes maneiras e aos poucos produzem verdades que se consolidam e orientam não só o que se pode falar e de onde se falar, como também os modos de agir e de pensar sobre o assunto.

Diante disso, este artigo não trata de estabelecer classificações nem tentar determinar qual a maneira mais correta de tratar este tema. O objetivo central foi o de lançar um olhar e analisar a produção de conhecimento que atravessa a temática das Artes Marciais e das Lutas, decalcando-a em uma rede de significados, sem desconsiderar suas disputas e tensões, mas, atentando para os efeitos que elas produzem na constituição dessas práticas corporais na contemporaneidade.

Fights and martial arts: an analysis of the production of knowledge in brazilian physical education discursive field

ABSTRACT: Discussion about the Martial Arts and Fights has appeared more frequently in the academic scenario of the national Physical Education. Thus, this study aims to identify and discuss how these practices are produced as knowledge pertinent to be addressed by this area of knowledge. From some Foucault's notions of discursive analysis, we may say, through the selection of articles from five national journals, that the conceptions of Martial Arts and Fights appear as two discursive formations in dispute productive. Consequently, they produce a discursive battleground that is ways of thinking, practice and talk about these practices, from the different epistemological foundations that sustain them.

KEYWORD: Martial arts; fights; field discourse; scientific discourse.

Artes marciais e lutas: un análisis de la producción de conocimiento en el campo discursivo de la educación física brasileño

RESUMEN: La discusión acerca de las Artes Marciales y de las Luchas han surgido con más frecuencia en el escenario académico de la Educación Física nacional. Delante de eso, este estudio tiene por objetivo identificar y problematizar cómo esas prácticas son producidas en cuanto un saber pertinente a ser abordado por esa área del conocimiento. A partir de algunas nociones del análisis discursiva foucaultiana, se puede decir, por medio de la selección de artículos de cinco periódicos nacionales, que las concepciones de Artes Marciales y de Luchas aparecen como dos formaciones discursivas en disputa productiva. De esa manera, ellas tejen un campo de batalla discursiva que constituye modos de pensar, practicar y hablar de esas prácticas, a partir de las distintas bases epistemológicas que las sostienen.

PALABRAS CLAVE: Artes marciais; lutas; campo discursivo; discurso de la ciencia.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, P.; M, et al. Sistematização da preparação física do judoca Mário Sabino: um estudo de caso do ano de 2003. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Rio Claro: v. 26, n. 1, p. 73-86, set. 2004.
- CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad: Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CAZETTO, F. Lutas e Artes Marciais na Escola: “Das Brigas aos Jogos com regras”, de Jean-Claude Olivier [Porto Alegre: Artmed, 2000]. *Motrivivência*. Florianópolis: Ano XX, n. 31, p. 251-255, dez., 2008.
- CÉSAR, M. et al. Avaliação da intensidade de esforço da luta de caratê por meio da monitorização da frequência cardíaca. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* Rio Claro: v. 24, n. 1, p. 73-81, set. 2002.
- CORDEIRO JUNIOR, O. Em busca da construção de uma proposta teóricometodológica para o ensino do judô escolar. *Pensar a Prática*. Goiânia: v.3, n.?, p. 97-105, jul./jun.1999-2000.
- CORREIA, W. R; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz*. Rio Claro: v.16, n.1, p. 1-9, jan./mar., 2010.
- DRIGO, A. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. *Motriz*. Rio Claro: v.15, n.2, p. 396-406, abr./jun., 2009.
- ELIAS, N; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FERRETTI, M; KNIJNIK, J. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. *Movimento*. Porto Alegre: v. 13, n. 1, p. 57-80, jan./abr., 2007.

- FETT, C.; FETT, W. Filosofia, ciência e a formação do profissional de artes marciais. *Motriz*. Rio Claro: v.15, n.1, p. 173-184 jan./mar. 2009.
- FOUCAULT, M. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: MACHADO, R. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p.15-37.
- _____. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *A arqueologia do saber*. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GOMES, M et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. *Movimento*. Porto Alegre: v. 16, n. 02, p. 207-227, abr./jun., 2010.
- GONÇALVES JUNIOR, L; DRIGO, A. A Já Regulamentação da Profissão Educação Física e as Artes Marciais. *Motriz*. Rio Claro: v.7, n.2, p. 131-132, jul./dez., 2001.
- GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: 2005.
- LAGE, V; GONÇALVES JUNIOR, L. Karatê-Do como própria vida. *Motriz*, Rio Claro: v.13, n.1, p.33-42, jan./mar, 2007.
- LARROSA, J. Lenguaje y educación. *Revista Brasileira de Educação*. s/v, n.16, p.68 – 80, jan./abr., 2001.
- LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: v.28, n.2, p. 101-115, jan./dez., 2003.
- LOPES, L; TAVARES, O. A prática pedagógica dos mestres de caratê da grande vitória (ES). *Pensar a Prática*. Goiânia: v.11, n.1, p. 91-97, jan./jul., 2008.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Campinas: Pontes. 1997.
- NASCIMENTO, P. Organização e Trato Pedagógico do Conteúdo de Lutas na Educação Física Escolar. *Motrivivência*. Florianópolis: Ano XX, nº 31, p. 36-49, dez., 2008.
- NASCIMENTO, P; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. *Movimento*. Porto Alegre: v. 13, n. 03, p. 91-110, set./dez., 2007.
- PIMENTA, T; MARCHI Jr, W. A Constituição de um Subcampo do Esporte: o caso do *Taekwondo*. *Movimento*. Porto Alegre: v. 15, n. 01, p. 193-215, jan./mar., 2009.
- RIOS, G. O processo de esportivização do Taekwondo. *Pensar a Prática*. Rio Claro: v.8, n.1, p.37–54, jan./jun., 2005.
- RODRIGUES, R. Fazer Kendo e pensar a educação do corpo. *Motriz*. Rio Claro: v.15, n.3, p. 648-656, jul./set, 2009.
- SAID, E. *Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SILVA, M.; CARVALHO, M. Análise da suplementação nutricional dos atletas da seleção brasileira de karatê. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Rio Claro: v. 24, n. 1, p. 127-137, set., 2002.

SILVA, T. *O currículo como fetiche: a prática e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVEIRA JÚNIOR, E; CARDOSO, C. QIGONG; Uma Contribuição para a Educação Física Escolar. *Motrivivência*. Florianópolis: Ano XVI, n. 23, p. 83-101, dez., 2004.

TRUSZ, R.; NUNES, A. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. *Movimento*. Porto Alegre: v.13, n. 01, p. 179-204, jan./abr., 2007.

VEIGA-NETO, A. *Foucault e a Educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

YONEZAWA, F. Algo se move: um elogio filosófico-ético à prática do combate como arte e educação. *Motriz*. Rio Claro: v.16, n.2, p. 348-358, abr./jun., 2010.

APÊNDICE

QUADRO I – Referência dos artigos que discutem as práticas das Artes Marciais e Lutas selecionadas dos periódicos nacionais: Revista Motrivivência, Revista Motriz, Revista Movimento, Revista Pensar a Prática e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE).

	REVISTA	ANO	VOL	N	TÍTULO	AUTOR (RES)
1	Motrivivência	2004	16	23	QIGONG: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	Edson Ronei da Silveira Júnior; Carlos Luiz Cardoso
2	Motrivivência	2008	20	31	ORGANIZAÇÃO E TRATO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO DE LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	Paulo Rogério Barbosa do Nascimento
3	Motrivivência	2008	20	31	LUTAS E ARTES MARCIAIS NA ESCOLA: “DAS BRIGAS AOS JOGOS COM REGRAS”, DE JEAN-CLAUDE OLIVIER [PORTO ALEGRE: ARTMED, 2000]	Fabiano Filier Cazetto
4	Motrivivência	2010	22	34	JIU-JITSU BRASILEIRO E VALE-TUDO: O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE LUTAS E ARTES MARCIAIS	Fabiano Filier Cazetto
5	Motriz	2001	7	2	A JÁ REGULAMENTADA PROFISSÃO EDUCAÇÃO FÍSICA E AS ARTES MARCIAIS	Luiz Gonçalves Junior; Alexandre Janota Drigo
6	Motriz	2007	13	1	KARATÊ-DO COMO PRÓPRIA VIDA	Victor Lage; Luiz Gonçalves Junior
7	Motriz	2009	15	1	FILOSOFIA, CIÊNCIA E	Carlos Alexandre Fett;

					A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ARTES MARCIAIS	Waléria Christiane Rezende Fett
8	Motriz	2009	15	2	LUTAS E ESCOLAS DE OFÍCIO: ANALISANDO O JUDÔ BRASILEIRO	Alexandre Janotta Drigo
9	Motriz	2009			FAZER KENDO E PENSAR A EDUCAÇÃO DO CORPO	Rogério Rodrigues
10	Motriz	2010	16	1	PRODUÇÃO ACADÊMICA EM LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE	Walter Roberto Correia; Emerson Franchini
11	Motriz	2010	16	2	ALGO SE MOVE: UM ELOGIO FILOSÓFICO-ÉTICO À PRÁTICA DO COMBATE COMO ARTE E EDUCAÇÃO	Fernando Hiromi Yonezawa
12	Motriz	2010	16	3	BUJUTSU, BUDÔ, ESPORTE DE LUTA	Carlos José Martins; Cláudia Kanashiro
13	Motriz	2010	16	3	A INGESTÃO DE CAFEÍNA NÃO MELHORA O DESEMPENHO DE ATLETAS DE JUDÔ	Lucas Adriano Pereira; Edílson Serpeloni Cyrino; Ademar Avelar; Alexandre Queiroz Segantin; Juliana Melo Altimari; Michele Caroline de Costa Trindade; Leandro Ricardo Altimari
14	Movimento	2004	10	3	VISANDO A MODERNIDADE ARCO E FLECHA E A MODERNIZAÇÃO DO JAPÃO	Allen Guttman
15	Movimento	2007	13	1	A EVOLUÇÃO DOS ESPORTES DE COMBATE NO CURRÍCULO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	Rodrigo Augusto Trusz; Alexandre Velly Nunes

					DA UFRGS	
16	Movimento	2007	13	3	A TEMATIZAÇÃO DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RESTRIÇÕES E POSSIBILIDADES	Paulo Rogério Barbosa do Nascimento; Luciano de Almeida
17	Movimento	2009	15	1	A CONSTITUIÇÃO DE UM SUBCAMPO DO ESPORTE: O CASO DO TAEKWONDO	Thiago Pimenta; Wanderley Marchi Jr
18	Movimento	2010	16	2	ENSINO DAS LUTAS: DOS PRINCÍPIOS CONDICIONAIS AOS GRUPOS SITUACIONAIS	Mariana Simões Pimentel Gomes; Marcio Pereira Morato; Edison Duarte; José Júlio Gavião de Almeida
19	Pensar a Prática	1999-2000	3	Edição Especial	EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA TEÓRICOMETODOLÓGICA PARA O ENSINO DO JUDÔ ESCOLAR	Orozimbo Cordeiro Júnior
20	Pensar a Prática	2005	8	1	O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DO TAEKWONDO	Gleyson Batista Rios
21	Pensar a Prática	2008	11	1	A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS MESTRES DE CARATÊ DA GRANDE VITÓRIA (ES)	Yúri Márcio Lopes; Otávio Guimarães Tavares
22	Pensar a Prática	2008	11	3	CONTROLE DE SI, DOR E REPRESENTAÇÃO FEMININA ENTRE LUTADORES(AS) DE <i>MIXED MARTIAL ARTS</i>	Samuel Oliveira Thomazini; Cláudia Emília Aguiar Moraes; Felipe Quintão Almeida
23	Pensar a Prática	2010	13	3	A IDENTIFICAÇÃO DOS ESTILOS DE ENSINO DOS PROFESSORES DAS ARTES MARCIAIS	Marcelo Moreira Antunes; Diego Luz Moura

					CHINESAS (WUSHU) NO BRASIL	
24	RBCE	2002	24	1	ANÁLISE DA SUPLEMENTAÇÃO NUTRICIONAL DOS ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILENSE DE KARATÊ	Michel Santos da Silva; Michel Soares de Carvalho.
25	RBCE	2002	24	1	AVALIAÇÃO DA INTENSIDADE DE ESFORÇO DA LUTA DE CARATÊ POR MEIO DA MONITORIZAÇÃO DA FREQUÊNCIA CARDÍACA	Dr. Marcelo de Castro César; Dr. Ídico Luiz Pellegrinotti; Eduardo Silvestre Penatti; Graziela Augusta Chiavoloni.
26	RBCE	2004	26	1	SISTEMATIZAÇÃO DA PREPARAÇÃO FÍSICA DO JUDOCA MÁRIO SABINO: UM ESTUDO DE CASO DO ANO DE 2003	Paulo Henrique da Silva; Marques de Azevedo; Dndo. Alexandre Janotta Drigo; dr. Paulo Roberto de Oliveira; Ms. Mauro César Gurgel de Alencar Carvalho; Mário Sabino.

V) UMA PROBLEMATIZAÇÃO ACERCA DAS LUTAS ENQUANTO SABER DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM INSTRUMENTO PARA PEDAGOGIZAR CORPOS³⁰

RESUMO

As diversas discussões sobre Lutas que se proliferam a partir da Educação Física, permitem o reconhecimento de uma relação de pertencimento existente entre elas. Atualmente, não é estranho o aparecimento delas enquanto conteúdo escolar, esporte, estilo de vida, manifestação cultural, entre outros. Diante desse contexto, este artigo tem por objetivo problematizar a produção dessas práticas corporais enquanto um saber que merece dedicação de um campo de saberes acadêmico/científico. A partir de um movimento de pesquisa inspirado na genealogia foucaultiana, guiado por perguntas do tipo: “como e por que as Lutas tornam-se um dos objetos de pensamento da Educação Física?”, buscou-se identificar o aparecimento das Lutas em diferentes períodos da Educação Física brasileira. Ao lançarmos um olhar para essa constituição histórica podemos observar as Lutas como mais uma peça no jogo que constrói esse conjunto de saberes dedicado ao corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Lutas; Educação Física brasileira; genealogia; verdade.

1 - AS LUTAS POR UM OLHAR CIENTÍFICO ACADÊMICO

Ao olharmos para produção de conhecimento em Educação Física não é de se estranhar a proliferação de propostas organizacionais de seus saberes. Quando consideramos manifestações corporais, ainda não facilmente aceitas ou legitimadas por esse campo³¹, como as Lutas³², a situação não é diferente. Na busca por defini-las enquanto

³⁰ Este artigo será encaminhado para a Revista Motriz, revista de Educação Física da UNESP.

³¹ Este artigo não tratará das distinções de utilização dos termos *campo* e *área* para referir-se à Educação Física. Mesmo reconhecendo a importância desse debate, essa discussão não será tratada. Assim, os termos aparecerão ao longo do texto referindo-se à Educação Física enquanto um conjunto de saberes reconhecidos acadêmica e cientificamente.

³² Não será demanda deste artigo realizar distinções entre termos como: Lutas, Artes Marciais, Esporte de Combate, Jogos de Luta, etc. Entendemos que a utilização do termo Lutas,

um saber condizente com as delimitações acadêmicas é possível perceber um movimento que tenta legitimar esse conhecimento a partir de sua inserção e potencialização enquanto conteúdo escolar, esporte, estilo de vida, manifestação cultural, entre outros. Assim, encontramos classificações ou nomeações para elas como: Lutas, Artes Marciais, Esportes de Combate, Jogos de oposição, Desportos de ataque e defesa, entre outros.

Simultaneamente a esse exercício classificatório, as discussões sobre Lutas, a partir da Educação Física, também se dispõe à sistematização do seu ensino. Nesse sentido, podemos encontrar desde críticas ao processo de ensino-aprendizagem ditos “tradicionalistas” de algumas modalidades, como é o caso do trabalho de Lopes e Tavares (2008), até propostas de sistematização e operacionalização do ensino dessas práticas corporais em aulas escolares, as quais podemos encontrar nas pesquisas de Nascimento e Almeida (2007), Cazetto (2008), Gomes *et al* (2010) e Lima Junior e Chaves Junior (2011).

Na mesma esteira de proliferação do tema, também, encontramos pesquisas que discutem as Lutas por seus aspectos esportivos de performance como são tratadas nas publicações de Silva e Carvalho (2002), Navarro; Miyamoto e Ranvaud (2008), Milanez *et al* (2009), Pereira *et al* (2010). Assim como, pesquisas que elaboram diferentes críticas corroborativas com uma perceptível resistência ao entendimento esportivizado ou escolarizado³³ dessas práticas, como aparecem nos artigos de Rios (2005), Thomazine, Moraes e Almeida (2008), Rodrigues (2009) e Yonezawa (2010).

Nesse contexto, podemos perceber que a discussão acerca das Lutas acompanha as disputas epistemológicas que constituem a Educação Física. Discutidas em diversas perspectivas teóricas e objetos de diferentes pressupostos metodológicos, elas se constituem como um saber pertinente e necessário dentro desse conjunto de saberes. Mais que isso, podemos dizer que são as disputas, na ordem de um discurso científico, que estabelecem a busca por formas verdadeiras e satisfatórias de enxergá-las. Nesse sentido, o

especificamente neste texto, não prejudicará (ou reduzirá) a compreensão da existência de discussões acerca da nomeação dessas práticas corporais. Trata-se de escolha, que se dá com base na diversidade de significados que o termo possui a partir de sua utilização a partir da Educação Física.

³³ Os autores que argumentam a partir dessa perspectiva ressaltam a valorização da originalidade dessas práticas corporais, a existência de uma essência que deve ser preservada diante das transformações relacionadas, principalmente, às significações esportivas e às tentativas de sistematizações de ensino em função de sua inserção como conteúdo da Educação Física escolar.

discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder pelo qual nos queremos apoderar” (FOUCAUL, 2009, p. 10). Diante desse cenário, este artigo tem por objetivo problematizar³⁴ a produção dessas práticas corporais enquanto um saber. A partir da identificação de seus aparecimentos em diferentes momentos históricos da Educação Física brasileira é pertinente perguntarmos *como e por que* as Lutas tornam-se um dos objetos de pensamento da Educação Física?

2 – SOBRE PENSAR O PENSAMENTO EM TORNO DAS LUTAS

Ao lançar um olhar desconfiado a essa breve contextualização sobre o tema, chama à atenção a diversidade de possibilidades aceitáveis de entender as Lutas no cenário acadêmico. Diante disso, não me furto de assumir a escrita deste artigo como mais uma maneira de fortalecer a produção dessas práticas corporais enquanto um saber da Educação Física. Porém, me arrisco na tentativa de imergir nesta discussão por outro movimento.

Um movimento que procura escapar do fluxo pelo qual tende discorrer as produções de conhecimento sobre essas práticas. Isto é, este artigo não pretende avaliar nem trazer novas propostas de classificação ou intervenção no modo pelo qual as Lutas devem ser entendidas. Mas, sim, perseguir e descrever algumas condições historicamente construídas que possibilitaram e possibilitam os diferentes olhares que a Educação Física lança para essas práticas corporais na atualidade. Para que isso seja possível, tomo como primeiro passo aceitar a ideia de que pesquisar é “habitar incertezas e estranhar o familiar” (BILIBIO e DAMICO, 2011, p.94). A partir daí, diria que o fator motivante neste exercício de pensamento, como considera Foucault (2009a, p.7), é a curiosidade de ver “como estes problemas de constituição podiam [ou podem] ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte”.

Nessa perspectiva, lançarei mão de uma maneira de operar um pensamento analítico sobre o tema que se aproxima de uma atitude procedimental inspirada em uma

³⁴ De acordo com Restrepo (2008), *problematização* é um conceito que tem passado despercebido na obra de Michel Foucault. Trata-se de colocar certos objetos, produzidos por práticas discursivas e não-discursivas pelo jogo do verdadeiro e do falso, na condição de problema. Nesse sentido, o processo de *problematização* se consolida enquanto um modo de proceder analítico no centro de perguntas de “como?” e “por quê?” algumas coisas se tornam objeto do pensamento.

genealogia foucaultiana, caracterizada por “uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história” (FOUCAULT, 2009, p.7). Com isso, este artigo não pretende escrever a história das Lutas na Educação Física a partir do destaque de nomes e datas que demarcam e confirmam o pertencimento desse saber a este campo. Sua função é muito mais de desestabilizar essa relação tranquilamente aceita. Suspeitar do que é tomado de maneira inquestionável, como em algumas vezes é o caso das Lutas a partir da Educação Física.

Assim, perseguir e descrever como as Lutas se constitui enquanto saber implica um exercício analítico sobre as condições que possibilitaram pensá-las em determinados momentos. Exercício que se dá a partir do reconhecimento de que estas práticas corporais se materializam de múltiplas maneiras dentro de uma trama histórica caracterizada por lógicas distintas de organização dos saberes que constituem a Educação Física. Trata-se, então, de olhar para os regimes de verdade que produzem o tema, ao mesmo tempo em que regulam o que pode ser dito e pensado sobre ele em determinado momento.

As Lutas, discutidas aqui, não escapam da problemática da verdade. São as disputas a cerca de verdades e a distância de um consenso que as definam dentro desse campo de saberes que tendem a potencializá-las colocando-as em evidência no discurso acadêmico-científico, na condição de saber.

Um saber como o que chamamos científico é um saber que supõe, no fundo, que haja verdade em toda parte, em todo lugar e em todo o tempo. [...] Mas como quer que seja, para a prática científica em geral, sempre há verdade; a verdade está sempre presente em toda a coisa, a propósito de tudo e de qualquer coisa pode-se colocar a questão da verdade (FOUCAULT, 2006, p.302).

Assumir que as possibilidades de enxergar esse saber são produzidas por batalhas discursivas e não-discursivas em busca de considerações verdadeiras, balança a maneira facilmente adotada com que determinadas práticas corporais recebem o *status* de conteúdos. Mais que isso, nos coloca diante “da análise da constituição histórica de articulações que fazem emergir, transformar ou desaparecer esse ou aquele objeto” (CANDIOTTO, 2006, p. 67).

3 – COMO NASCE UM CONTEÚDO? A TRAMA CONSTITUINTE DO PERTENCIMENTO DAS LUTAS À EDUCAÇÃO FÍSICA

Certamente, se nos situamos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas se nos situamos em outra escala, se levantamos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se (FOUCAULT, 2009b, p.14).

Atualmente, é possível afirmar que as Lutas são práticas corporais aceitáveis e necessárias para comporem o conjunto de saberes que caracteriza a Educação Física. Também, não causa estranhamentos o reconhecimento de que as Lutas são manifestações da cultura corporal e, por isso, merecem uma dedicação especial, um espaço no qual o tema possa ser classificado e debatido, da mesma maneira pela qual se caracteriza outras manifestações da cultura corporal, ou cultura do movimento humano, como as ginásticas, as danças, os jogos e os esportes.

Por outro lado, não podemos deixar de considerar a diversidade conceitual que se prolifera, especificamente, entorno das Lutas. Ao mesmo tempo em que se confirma a relação de pertencimento entre essas práticas corporais e a Educação Física, a partir do que se produz sobre elas, é difícil, ou até impossível, definir o que elas são. Sabemos que elas ocupam um espaço temático dedicado especificamente a conhecê-las, organizá-las e propagá-las como saber, porém, as margens que as separam das ginásticas, das danças, dos jogos e dos esportes, por exemplo, são bastante borradas ou quase inexistentes. É muito comum encontrarmos discussões que as delimitam enquanto modalidades esportivas, como no caso do *judô*, do *taekwondo* e do *karatê*, bem como, a capoeira, que frequentemente aparece associada à concepção de jogos como no trabalho de Falcão (2006), por exemplo.

Mas não é demanda deste artigo julgar ou trazer novas sugestões de definições para as Lutas. A pretensão dessa contextualização é lançar um olhar problematizador para a construção da trama histórica que remete ao como se tornou possível a certeza de que essas práticas corporais constituem um saber que merece passar pelo filtro científico da Educação Física. Quais condições possibilitaram a aproximação dessas práticas corporais a esse campo de saberes? Indo mais adiante, quais singularidades demarcam a produção de diferentes verdades na maneira de pensá-las? É importante destacar que a tentativa de responder essas perguntas pretende, muito mais, ativar suspeitas do que encontrar respostas

definitivas. Nesse sentido, é possível e aceitável o surgimento de outras questões, outros problemas que desestabilizem o que é facilmente tido como evidente. E para colocar esse exercício em funcionamento, começaremos pelas condições estruturantes que constitui o problema deste artigo.

A Educação Física enquanto disciplina moderna vem se constituindo no Brasil enquanto um campo de saberes em torno do corpo humano em suas múltiplas instâncias. Seu surgimento está imbricado na construção de uma concepção de cuidado com o corpo, noção criada a partir de um pensamento médico e higienista, preocupado com a prevenção e manutenção da saúde, desde seus aspectos biológicos até a produção de um corpo social (SOARES, 2007). Em *Educação Física: raízes Europeias e Brasil (2007)*, Carmen Soares dedica-se à emergência da Educação Física enquanto:

mais uma forma de intervenção na realidade social, [...] que, já no século XIX, chega aos foros científicos com seu conteúdo médico higiênico e com sua forma disciplinar voltada ao corpo biológico (individual) para, a partir dele, moralizar a sociedade, além de “melhorar e regenerar” a raça (p.32).

Assumida como uma forma de educação no mundo ocidental, ela se institucionaliza e se sistematiza influenciada pelos movimentos ginásticos e pelo fenômeno esportivo. Pautada num contexto histórico-cultural europeu dos séculos XIII e XIX, a Educação Física aparece no Brasil entrelaçada às instituições médicas e militares. No entanto, é importante atentarmos que essa relação não é definitiva em sua constituição histórica. Alguns atravessamentos político-educacionais fizeram com que o discurso médico higienista perdesse força em detrimento de um ideário perpassado pelo fenômeno esportivo, que já possuía um reconhecimento social importante no país, em meados do século XIX. Assim, tendo seu início oficial nas propostas curriculares das escolas brasileiras em 1851, a Educação Física vira o século abarcando outras tendências, como a inserção do esporte enquanto conteúdo escolar. Conteúdo que se consolida a partir de concepções como o Método Esportivo Generalizado, pautado no Método Francês, que se baseia em movimentos ginásticos, esportes individuais e coletivos (BETTI, 1991).

Tendo em vista as continuidades e rupturas dos acontecimentos que constituem a Educação Física brasileira podemos acentuar os primeiros entrelaçamentos que tecem o aparecimento das práticas corporais de Lutas como parte pertencente a este conjunto de saberes. Atento à obra de Betti (1991), é possível perceber que as Lutas aparecem como um dos elementos que constituem o sistema de ginástica alemão, dentre um programa que compreendia corridas, saltos arremessos, entre outras práticas corporais. Com o objetivo de

propagar novos hábitos de vida, de formar corpos fortes e resistentes, seguindo a lógica médica e higienista, as Lutas apareciam sempre associadas à ação guerreira, ao combate e à construção de um corpo forte e resistente inspirado na Antiguidade grega e Oriental. Para exemplificar essa forma de pensamento podemos citar Fernando Azevedo, considerado pela revista Educação Physica “um apóstolo da área no Brasil” (GÓIS JR e LOVISOLO, 2005)³⁵. Em sua obra *Da Educação Física: o que é, como tem sido e o que deveria ser* (1960)³⁶ a origem da Educação Física está associada aos modos de vida da antiguidade e que, entre outras coisas, valorizavam o culto ao corpo preparado para o combate, para guerra.

A cultura física, com esta primeira feição de arte, em que atingiu a maior perfeição nos exercícios viris da efébia antiga, embora sem o espírito artístico e criador da educação grega, remontaria ao Egito, no entender de historiadores, escudados no testemunho da pintura antiga existentes em Beny-Has ou na Hetenomide, em que os exercícios de luta, reproduzidos com a firmeza característica de tôdas as produções da arte egípsia, não deixam pairar dúvida sôbre o gênero de combate que o quadro representa. (p. 33)

Além da referência a Antiguidade Ocidental, Azevedo (1960)³⁷ associa as noções fundantes da Educação Física aos hábitos orientais de cuidado com o corpo.

Os chineses, porém, parecem terem sido os primeiros a reconhecer todo o valor fisiológico e sanitaria dos exercícios físicos. Desde 1698 o congfoou (a arte do homem, ou a arte da ginástica médica chinesa) louvava os exercícios, já apregoados por In-Kang-Chi e pelo fundador da dinastia dos Chang, transmitindo-nos as práticas dos bonzos, moldadas segundo as conseqüências da teoria de Confúcio sôbre a unidade do ser humano. Na Índia, lêem-se nos Vedas preceitos médicos sôbre o movimento, as fricções, as massagens e a maneira de respirar, e as leis de Manou consagram a prática destes postulados higiênicos, que shampooing nos evoca, rigorosamente exigidos pelo budismo. (p.33)

³⁵ Artigo dedicado a averiguar a influência do movimento higienista sofrido pela Educação Física na década de 1930 a pautada na referência das Ciências Biológicas a partir da análise de dois periódicos da época: *Revista Educação Physica* (1932-1945) e a *Revista de Educação Física do Exército* (1932-2000).

³⁶ Obra importante na construção histórica da Educação Física brasileira. Teve sua primeira edição publicada em 1920.

³⁷ Trata-se do volume I de Obras completas de Fernando de Azevedo (*Da Educação Física: O que é, o que tem sido e o que deveria ser*), tendo sua primeira edição publicada em 1920.

Outra obra que remete a esse contexto chama-se *Cuidado e técnicas do corpo na China, no Japão e na Índia* de Huard e Wong (1990). Nela encontramos indicações interessantes da constituição de um campo de saber, próximo dos interesses da ciência médica, através das noções de exercício físico em momentos históricos distintos. Na primeira parte da obra é possível perceber na história ocidental, da antiguidade greco-latina até o século XIX, que as práticas corporais que aparecem associadas à Educação Física remetem ao confronto, a luta corporal, ou seja, a práticas criadas “a fim de responder certas exigências sociais” (p.22).

Podemos olhar para as obras de Azevedo (1960) e de Huard e Wong (1990) como exemplos que marcam uma forma de pensamento que perpassou o surgimento da Educação Física no Brasil. A partir de alguns de seus excertos é interessante perceber o quanto as Lutas, o combate físico, a partir do movimento ginástico, era utilizado como meio para difundir uma noção moderna de vida saudável. Nesse sentido, as lutas apareciam como práticas que contribuíam para a construção de um modelo de corpo e hábitos de vida, inspirados na antiguidade grega e oriental.

Porém, nesse contexto não podemos dizer que o interesse em agregar as Lutas à Educação Física se dá apenas por seus aspectos ginásticos. Essas práticas, já em sua superfície de emergência enquanto saber, apresentam-se sob a luz de uma configuração esportiva. É assim que elas aparecem como parte dos primeiros currículos oficiais de cursos de formação de instrutores/professores (TRUSZ e NUNES, 2007). De acordo com Soeiro e Cunha (2003) “Os primeiros esforços de criação de uma instituição específica para a formação de instrutores/professores de educação física verificam-se com a fundação de uma Escola de Esgrima, com sede no Batalhão de Caçadores (Quartel da Luz em São Paulo)” (p.73). Tanto o atual curso de Educação Física e Desporto da UFRJ, que durante muitos anos foi referência para criação de diretrizes para os cursos universitários brasileiros (ALVES JUNIOR, 2006), como também a Escola de Educação Física da UFRGS, uma das mais antigas escolas de graduação do país, ofereciam nos seus primeiros currículos uma disciplina chamada “Desportos de Ataques e Defesas” (TRUNZ e NUNES, 2007, p.190). Esta disciplina, segundo os autores, contava com o ensino de diferentes modalidades de Lutas, de acordo com os conhecimentos dos professores que as lecionavam.

Entendidas como desportos de combate, elas ganham visibilidade pela apropriação de diferentes modalidades de Lutas já reconhecidas fora dos limites acadêmicos. Seu aparecimento enquanto saber no campo da Educação Física é articulado por uma seleção de práticas aceitáveis e desejáveis para compor esse campo de conhecimento sobre o corpo. O excerto que segue, de um dos primeiros artigos publicados sobre a temática no Brasil, indica o modo pelo qual algumas modalidades passaram a fazer parte de um conjunto de saber institucionalizado.

Estávamos em visita a uma academia de KARATÊ, sita em S. Paulo, na Rua Quintano Bocaiúva. Admirados pelo que observamos, resolvemos escrever este artigo, já que somos partidários da introdução e disseminação em nosso Exército, em larga escala, dos desportos de combate (Cap. OX PASCHOAL FILHO, 1959, p.7 – Revista de Educação Física).

A seleção de modalidades já existentes compõe uma forma marcante de se vincular as práticas corporais de Lutas aos conhecimentos da Educação Física. Ganhando luz a partir do reconhecimento enquanto esporte, elas potencializam uma associação legítima com esse campo de saberes caracterizado inicialmente pela ginástica e pelo esporte. Tomadas como práticas interessantes por seus aspectos disciplinares e de treinamento físico rigoroso elas assumem um papel importante como um instrumento para educação do corpo.

É como instrumento pedagógico que essas práticas corporais são trazidas e realocadas como um saber, fazendo parte dessa nova disciplina que se constitui. Podemos dizer que no contexto da Educação Física brasileira as Lutas atendiam, simultaneamente, as expectativas de uma prática ginástica e esportiva. Sem estranhamentos, elas foram tomadas como algo importante e necessário a se conhecer, ao mesmo tempo em que atendem os objetivos de tornar o corpo mais apto e disciplinado. Nesse movimento de seleção de práticas corporais já existentes, as Lutas passam a constituir um conteúdo que se formaliza dentro de um campo de saberes institucionalizado. Com a frequência de seu aparecimento nos currículos de formação de instrutores e professores de Educação Física, as Lutas constituem-se enquanto um conteúdo, um saber tido como pronto e sem provocar suspeitas no lugar onde é colocado.

A emergência dessas práticas enquanto conteúdo demarca uma característica interessante na constituição da Educação Física. Elas aparecem como mais uma peça na

produção do “quebra-cabeça” que desenhava esse campo de saberes. Olhar para surgimento desse *status* acadêmico/científico atribuído a essas práticas corporais, de certa forma, desestabiliza a tranquilidade com a qual elas passam a ser tratadas na atualidade. Seu aparecimento na condição de saber, através da seleção de modalidades já existentes e institucionalizadas, indica um aspecto inventivo que estabelece seu pertencimento aos domínios da Educação Física. Invenção de um conteúdo que atende necessidades também inventadas.

Isso porque não é qualquer prática caracterizada pelo embate físico que pode ser reconhecida como Luta. No contexto militarista de construção de um campo de saberes dedica ao corpo, a capoeira, por exemplo, não era vista com bons olhos. Em um artigo, também, da Revista de Educação Física de 1935, expõe a necessidade de institucionalização de uma luta de caráter nacional, que exprimisse as tendências naturais do brasileiro lutar: a luta livre.

Raciocinemos um pouco, quais são as tendências naturais dos brasileiros, quando põe em jôgo seus meios de defesa? Qual a luta mais própria para ser desenvolvida no Brasil? Sei que todos responderão que é a capoeiragem, com o que não estou de acordo, porque acho que ela está fora das tendências naturais de nossa gente! (Cap. HORÁCIO SANTOS, 1933, p. 29 Revista de Educação Física)

Nesse sentido, não bastava ser uma prática de combate físico, era indispensável ser útil. Utilidade esta, definida por práticas que contemplassem a defesa corporal, o exercício físico e/ou possuísse aspectos característicos dos esportes, como regras determinadas e igualdade entre adversários. E assim, que essas práticas ganham espaço e dedicação na Educação Física, não apenas no exército, mas se propagando pelas primeiras instituições civis de formação de instrutores/professores. Através da disciplina sob o nome de Desportos de Ataques e Defesas, além da prática de determinadas modalidades já reconhecidas na sociedade, abre-se a possibilidade de pensar sobre elas, fazê-las passar pelo filtro acadêmico-científico que se constituía com o objetivo de produzir e selecionar saberes úteis e desejáveis para educação do corpo.

4 – DA EMERGÊNCIA A OUTROS MODOS DE PENSAR: AS LUTAS E SUAS DISPUTAS POR VERDADE

O conhecimento é simplesmente o resultado do jogo, do confronto, da junção, da luta e do compromisso entre os instintos. É porque os instintos se encontram, se batem e chegam, finalmente, ao término de suas batalhas, a um compromisso, que algo se produz. Este algo é o conhecimento (FOUCAULT, 2002, p.16).

Podemos dizer que as Lutas aparecem sob a luz da Educação Física como mais um instrumento para educação do corpo. Sua emergência enquanto conteúdo faz com que essas práticas ganhem voz sendo consideradas atividades ginásticas e atividades desportivas. Práticas corporais já estruturadas e reconhecidas socialmente são capturadas, trazidas para dentro de um campo de saberes interessado na pedagogização de movimentos dedicados a disciplinar o corpo humano. Mas esse modo de pensar as Lutas não foi definitivo. As concepções produzidas sobre elas acompanham outras formas de pensamento que demarcam a construção histórica da Educação Física brasileira.

A obra elaborada sob o título *Metodologia do ensino da Educação Física em 1992* demarca um período importante para os modos de pensamento que norteavam esse campo de saberes. Dedicados às perspectivas orientadoras da Educação Física escolar, os autores questionam se os objetivos dessa, enquanto disciplina, deveriam culminar no desenvolvimento da aptidão física, do movimento técnico propagado pela referência ginástica e esportiva, ao mesmo tempo em que propõem um trato reflexivo sobre o movimento humano. Simultaneamente às discussões geradas, a obra possui uma característica legitimadora de determinadas práticas corporais ao fixarem a importância de serem pensadas e propagadas através de um ensino formal e devidamente sistematizado.

A partir dela, as Lutas ganham um trato específico como um bloco de conteúdos. Equivalentes a outras práticas indicadas, elas aparecem como um saber legítimo da Educação Física. Assim, elas são assumidas enquanto matéria escolar, como “temas da cultura corporal” (p.18) e diferenciadas dos jogos, da ginástica, das acrobacias, da mímica e do esporte. São apontadas como práticas específicas, reconhecidas pela Educação Física independentemente de características que as aproximavam dos esportes ou da ginástica. Elas constituem um tema, formam uma cultura corporal, falam por si só, são Lutas.

Este livro expõe e discute questões teórico-metodológicas da Educação Física, tomando-a como matéria escolar que trata, pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros. Este é o conhecimento que constitui o conteúdo da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.18)

Nesse sentido, temos outra maneira de enxergar essas práticas corporais. Da mesma forma que se questiona os valores educativos da Educação Física, também, há a preocupação de lançar outros olhares sobre os saberes que a constitui. As Lutas, tomadas inicialmente como instrumento disciplinador de um corpo forte e saudável, não são descartadas em movimento parecido com o qual entraram, mas sim, entendidas como uma prática corporal pronta, consolidada socialmente. Elas são assumidas enquanto saberes legítimos que merecem serem entendidas de outras formas, que escapem somente da noção técnica, utilitária, esportivizada, pela qual foram avaliadas como importantes e desejáveis.

Em seu conjunto de gestos, a capoeira expressa, de forma explícita, a voz do oprimido na sua relação com o opressor.

Seus gestos, hoje esportivizados e codificados em muitas “escolas” de capoeira, no passado significavam saudade da terra e da liberdade perdida.

A Educação Física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou. O mesmo alerta vale nos meios da Educação Física, inclusive para o judô que foi, entre nós, totalmente despojado de seus significados culturais, recebendo um tratamento exclusivamente técnico (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.76).

Da mesma forma temos os *Parâmetros Curriculares Nacionais (1996)*, documento que reforça essa relação de legitimidade. Neles, as Lutas aparecem como mais um elemento da cultura corporal de movimento e destacadas como um bloco de conteúdo específico.

Dentro desse universo de produções da cultura corporal de movimento, algumas foram incorporadas pela Educação Física como objetos de ação e reflexão: os jogos e brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas, que têm em comum a representação corporal de diversos aspectos da cultura humana (PCNs, 1996, p.28).

Dessa forma, elas ganham um *status* singular diante de outros temas. São classificadas, individualizadas em um bloco denominado Lutas. A elas, são dedicados cuidados específicos. Tratos pedagógicos, definições, conceitos são elaborados a fim de formalizá-las enquanto um saber compatível ao espaço acadêmico/científico.

As lutas são disputas em que o oponente deve ser subjulgado, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado

espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade (BRASIL, 1998, p.70).

Temos, assim, outra concepção. Com base nos últimos excertos, é notável uma possível condição de autonomia. As Lutas não aparecem como apêndices dos esportes, ou da ginástica, ou dos jogos, etc. Elas falam por si, por mais que suas definições não restrinjam seu entendimento dentro de qualquer bloco temático proposto. Paradoxalmente, o movimento de separá-las de outras temáticas e dar a elas determinadas definições, acaba por evidenciar a incerteza dessa relação de pertencimento. Ao mesmo tempo em que constituem um tema, também, podem ser materializadas em todos os outros. No entanto, a (re) produção das Lutas enquanto práticas legítimas da Educação Física, não se limitam a tentativa de escolarizá-las tornando-as conteúdos formais. A noção dá a elas a condição de elemento da cultura corporal, abre outras possibilidades de pensá-las como componente desse campo de saberes.

É nesse sentido que a potencialização de uma ideia naturalizada de pertencimento das Lutas à Educação Física ultrapassa as margens do campo científico e chega ao campo jurídico³⁸. Não basta dar a elas um trato pedagógico, evidenciar seus aspectos esportivos, elaborar conceitos ou levá-las para dentro da escola. É preciso provar sua legitimidade. A criação de um Conselho Federal de Educação Física³⁹, entre outros objetivos, fortaleceu essa preocupação. Com o propósito de demarcar uma área profissional e designar o título de Profissional de Educação Física como único a estar autorizado a atuar nela, ativa outra disputa, um tensionamento que não se restringe às tentativas de moldar determinadas práticas corporais em saberes sistematizados e adequados aos limites acadêmico/científicos. Práticas corporais como as Lutas, passam a ser o centro de uma batalha entre o que pode ou deve ser legitimado pela Educação Física e o que está fora do seu alcance.

Nesse contexto, há o surgimento de alguns argumentos, por parte do Conselho Federal de Educação Física com objetivo de regulamentar as práticas corporais que, de

³⁸ Um dos artigos pioneiros dessa discussão tem o título de *A Já Regulamentada Profissão Educação Física e as Artes Marciais*, dos autores Gonçalves Junior e Drigo (2002).

³⁹ Lei nº 9.696/98.

alguma maneira, reivindicassem para si a noção de atividades físicas. Com relação às Lutas, além de tornar a reforçar a noção de que são modalidades esportivas, questionam a qualificação profissional dos mestres⁴⁰ e lutadores que transmitem o conhecimento dessas práticas corporais. Assim, a partir do momento que essas práticas são consideradas atividades físicas e esportivas, o domínio de habilidades técnicas e execução de movimentos não é o suficiente para legitimá-las enquanto uma atividade profissional socialmente reconhecida.

O apelo desenfreado ao culto do corpo fez proliferar nos últimos anos uma verdadeira indústria, no que diz respeito à prática da atividade física, em âmbito nacional. Homens e mulheres passaram a ser alvo de uma grande campanha publicitária, quase uma exigência de modelação corporal, o que nada tem a ver com a essência da atividade física e sua relação de vida saudável. Este fenômeno atingiu também as práticas de Lutas e Artes Marciais, e teve como consequência o aumento, incontrolável, do número de academias e a afluência indiscriminada de pessoas não qualificadas ministrando as diversas modalidades de lutas. Ainda nesse contexto, muitos dessas pessoas até apresentavam algum domínio do ponto de vista da habilidade técnica na execução do gesto motor, em sua especificidade, mas, por outro lado, careciam dos demais requisitos básicos (pedagógicos, científicos, éticos profissionais) para uma atuação de qualidade.

A regulamentação da Profissão de Educação Física, com a criação dos Conselhos Federal e Regionais, surgiu, justamente, para disciplinar todas as práticas na área das atividades físicas.⁴¹ (CONFED/CREF, 2002, p.3)

Argumentos como esse fizeram emergir tensionamentos importantes que movimentam a discussão sobre as Lutas dentro e fora das delimitações da Educação Física. Do lado de fora, o peso da regulamentação dividiu opiniões, fazendo com que alguns praticantes (mestres e lutadores) assumissem os argumentos do Conselho como necessários e benéficos para proteger e fortalecer suas práticas enquanto mercado de trabalho (CONFED/CREF, 2002, p.5). Por outro lado, fez com que muitos se posicionassem contra, defendendo que essas práticas corporais se tratavam de manifestações artísticas e culturais e que não pertenciam à Educação Física nem necessitavam de seus conhecimentos para funcionarem na sociedade.

⁴⁰ Aqueles que possuem longo tempo de prática e recebem a titulação de professores de determinada prática de luta.

⁴¹ Excerto extraído de artigo sem identificação de autoria da Revista E.F (CONFED/CREF).

O excerto que segue foi retirado de Gonçalves Junior e Drigo (2001), ao utilizarem um trecho do Manifesto Nacional das Confederações Brasileiras de Lutas e Artes Marciais ao Conselho Federal de Educação Física- CONFEF. Nele, podemos ver a tentativa de resistência à absorção dessas práticas corporais pelo campo acadêmico-científico. Porém, mesmo estabelecendo uma disputa de forças em oposição à Educação Física, as Lutas aparecem numa condição equivalente a práticas desportivas organizadas de maneira autônoma.

Enfatizamos ser de absoluta e exclusiva prerrogativa das Confederações Brasileiras de Lutas e Artes Marciais, a formação técnica daqueles que atuam no ensino de tais modalidades (...)

Chamamos a atenção do CONFEF para a existência de raríssimos mestres e doutores aptos ao ensino das lutas e artes marciais nas faculdades de educação física, e ainda que o tivéssemos, estaríamos condicionados ao oferecimento opcional de todos estes desportos nas grades curriculares por parte das respectivas faculdades. Com isto pretendemos fundamentar o grande risco existente para a sobrevivência de tais desportos praticados por milhões de brasileiros (...) (GONÇALVES JUNIOR e DRIGO, 2001, p. 132).

Sem precisar questionar a consistência dos argumentos, é notável o desenho de uma batalha que não se apóia apenas na definição com respeito a quem, realmente, essas práticas pertencem. Da emergência como um dos saberes da Educação Física à tentativa de sua regulamentação, a disputa que se constitui é acerca da verdade. Uma verdade que está em constante disputa e, simultaneamente, em constante produção.

O lançamento constante de outros olhares cria definições, nomenclaturas, classificações que entre jogos de força podem se tornar inquestionáveis. É por esse jogo, que as Lutas se mantêm nos currículos de formação profissional e, atualmente, são desejáveis nas propostas documentais de Educação Física escolar. Hoje, por exemplo, não interessa mais o que são, ou por qual definição ou conceito devem aparecer. São elas, práticas esportivas, de lazer, exercício físico. Estão nas academias, nos clubes, nos grandes eventos esportivos da atualidade. Não há dúvidas de que elas devam estar na escola, por exemplo. O que não se sabe ainda é como devem estar. Da multiplicação de significados e definições que as justificasse enquanto práticas legítimas da Educação Física, a discussão acadêmica/científica sobre as Lutas passam a proliferar verdades acerca de métodos, de

outras formas de pedagogizá-las, sem causar o mínimo de suspeita se deveriam ou não estar ali.

Ao retomar o objetivo deste artigo (problematizar a produção das Lutas enquanto um dos saberes que constituem a Educação Física), é possível dizer que as Lutas se mantêm nessa condição por relações de força, jogos de verdade. É por uma vontade de verdade científica⁴² que a Educação Física se dedica a elas. Os apontamentos de algumas formas marcantes de pensá-las demonstram que o argumento acadêmico-científico põe luz sobre essas práticas de maneira heterogênea ao mesmo tempo em que as atravessa dando-as um sentido educativo para o corpo.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que seriam as *ginásticas e o esporte* senão *pedagogias higiênicas*, táticas sempre atualizadas e resignificadas de investimento *no* corpo, na intimidade de sua fisiologia, na gestão de seus desejos? (SOARES, 2006)

Analisar a relação das Lutas com a Educação Física sob a ótica da produção de verdades foi uma escolha tomada na tentativa de desestabilizar associações, facilmente realizadas, entre determinadas práticas ou objetos e seu respectivo discurso científico. Apoiando-me em Foucault (2002, p.16), diria que:

O conhecimento é simplesmente o resultado do jogo, do afrontamento, da junção, da luta e do compromisso entre os instintos. É porque os instintos se encontram, se batem e chegam, finalmente, ao término de suas batalhas, a um compromisso, que algo se produz.

É por jogo semelhante que essas práticas corporais são produzidas enquanto saberes acadêmico/científicos. É a disputa pelo “o que são?”, “a quem pertencem?”, “como devem ser?” que as mantêm em evidência. Uma batalha na ordem do discurso científico⁴³ pelo qual fala a Educação Física ponderando quem e o que pode ser dito sobre o assunto. É

⁴² Foucault (2009) em sua aula inaugural no Collège de France considera a *vontade de verdade* como aquilo que define o discurso em cada *episteme*. O autor coloca essa noção no nível dos outros procedimentos (*interdição e exclusão*) que aponta como sendo controladores, selecionadores, organizadores e redistribuidores da produção do discurso em qualquer sociedade.

⁴³ Para Candiotti (2010, p. 51), “a *ordem do discurso* é o critério normativo para impor significações, identificar, dizer o que é verdadeiro e o que é falso, o que está certo e o que está errado, o que é delirante e o que é racional, nada mais do que um modo de operar separações”. Nesse sentido, dizer que a batalha que produz as Lutas como saber da Educação Física está na *ordem do discurso científico*, indica uma disputa regulada por um jogo de estratégias e regras que atribuem ou deseja atribuir a essas práticas um *status* científico.

assim que essa argumentação com o *status* científico põe as Lutas como mais uma peça no jogo de constituição desse conjunto de saberes dedicado ao corpo.

São práticas que aparecem como mais uma proposição na constituição desta “disciplina” (Educação Física) formada por verdades e erros, “erros que não são resíduos ou corpos estranhos, mas que têm funções positivas, uma eficácia histórica, um papel muitas vezes indistinto do das verdades” (FOUCAULT, 2009b, p.31). Trazer o aparecimento de formas diferentes de se pensar a mesma prática indica a preocupação de estabelecer o que é mais aceitável para educação dos corpos. Esse é o objeto de saber da Educação Física. E aí que a batalha se desloca. Numa dimensão mais ampliada, a disputa está acerca da educação dos corpos. As Lutas são construídas como mais um elemento nesse jogo.

A tentativa de demonstrar como as Lutas se constitui em saber da Educação Física a partir de sua passagem por um filtro acadêmico-científico é apenas um recorte da batalha de investimento nos corpos nos quais esse conjunto de saberes se dedica. Seu surgimento através do interesse militar até o movimento de inseri-las na escola está imbricado na noção pedagogizante assumida pela Educação Física frente a um corpo que precisa ser, formado, educado. É isso que a Educação Física sempre buscou e continua buscando. As Lutas são apenas parte da disputa, mais um instrumento a ser aferido pelo filtro acadêmico-científico o qual a Educação Física se apóia.

A problem about the Fight as Physical Education knowledge: a tool to educate bodies⁴⁴

ABSTRACT: The variety of discussions on fights that proliferate from the Physical Education, make possible the recognition of a relationship of belonging between them. Currently, it is not strange the appearance of them as school programs, sports, lifestyle, cultural activate, among others. In this context, this article aims to discuss the production of these body practices as an knowledge that deserve a dedication of a field of academic knowledge / science. From a research movement inspired by the Foucaultian's genealogy, guided by questions like "how and why the fights become one of the objects of thought in Physical Education?", sought to identify the emergence of fights in different periods Brazilian Physical Education. Looking forward at this historical constitution as we have seen the fights as one more piece in the game that builds this set of knowledge dedicated to the body.

⁴⁴ This article will be forwarded to the Motriz Magazine, a journal of Physical Education of UNESP.

KEYWORDS: Fights, Physical Education, genealogy, truth.

6 – REFERÊNCIAS

ALVES JUNIOR, E. *Discutindo a violência nos esportes de luta: a responsabilidade do professor de educação física na busca de novos significados para o uso das lutas como conteúdo pedagógico*. In: XII Encontro Regional de História, 2006, Niterói. Usos do passado X II Encontro Regional de História-ANPUH-RIO. Niterói: UFF. v. 1.

AZEVEDO, F. *Da Educação Física: o que é. O que tem sido e o que deveria ser*. 3.ed., São Paulo: Melhoramentos. 1960.

BETTI, M. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BILIBIO, L; DAMICO, J. Carta a um jovem professor. *Cadernos de formação RBCE*. Florianópolis: v.2, n.2. p. 92-103, jul. 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/ SEF. 1998.

CANDIOTTO, C. Foucault: uma história crítica. *Trans/Form/Ação*. São Paulo: v.29 n.2. p.65-78. 2006.

CANDIOTTO, Cesar. *Foucault e a crítica da verdade*. Belo Horizonte: Autêntica; Curitiba: Champagna, 2010.

CAZETTO, F. Lutas e Artes Marciais na Escola: “Das Brigas aos Jogos com regras”, de Jean-Claude Olivier [Porto Alegre: Artmed, 2000]. *Motrivivência*. Florianópolis: Ano XX, n. 31, p. 251-255, dez., 2008.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo, Cortez, 1992.

CONFED/CREF. Artes Marciais: Profissionais e proprietários de academias reconhecem que a sociedade percebe a melhoria da qualidade do serviço prestado nas academias, após a lei 9696/98. *Revista E.F*. Rio de Janeiro: n.3, jun., 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.1*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FALCÃO, J. O jogo da capoeira em jogo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas: v. 27, n. 2, p. 59-74, jan. 2006.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. 3.ed. Rio de Janeiro: NAU, 2002.

_____. *O poder Psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 511p.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2009a.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 18.ed. São Paulo: Loyola, 2009b.

_____. *A arqueologia do saber*. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GÓIS JR e LOVISOLO, 2005 - *Rev. Portuguesa de Ciências Desportivas*. Portugal: Set 2005, vol.5, no.3, p.322-328. ISSN 1645.

- GOMES, M et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. *Movimento*. Porto Alegre: v. 16, n. 02, p. 207-227, abr./jun., 2010.
- GONÇALVES JUNIOR, L; DRIGO, A. A Já Regulamentação da Profissão Educação Física e as Artes Marciais. *Motriz*. Rio Claro: v.7, n.2, p. 131-132, jul./dez., 2001.
- HUARD, P; WONG, M. *Cuidados e técnicas do corpo na china, no Japão e na Índia*. São Paulo: Summus, 1990.
- LIMA JUNIOR, H; CHAVES JUNIOR, S. Possibilidades das lutas como conteúdo na educação física escolar: o confronto em uma abordagem pedagógica com alunos de 6ª série em um colégio estadual do município de Guarapuava-PR. *Cadernos de formação RBCE*. Florianópolis: v.2, n.1, p.69-80, jan., 2011.
- LOPES, L; TAVARES, O. A prática pedagógica dos mestres de caratê da grande vitória (ES). *Pensar a Prática*. Goiânia: v.11, n.1, p. 91-97, jan./jul., 2008.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Campinas: Pontes. 1997.
- MILANEZ, V et al. Avaliação e comparação das respostas do esforço percebido e concentração de lactato durante uma sessão de treinamento de caratê. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá: v. 20, n. 4, p. 607-613, 4. trim. 2009.
- NASCIMENTO, P; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. *Movimento*. Porto Alegre: v. 13, n. 03, p. 91-110, set./dez., 2007.
- NAVARRO, M.; MIYAMOTO, N; RANVAUD, R. Análise do sistema de validação de pontos no “Taekwondo”. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo: v.22, n.3, p.193-200, jul./set. 2008.
- PEREIRA, L et al. A ingestão de cafeína não melhora o desempenho de atletas de judô. *Motriz*. Rio Claro: v.16, n.3, p.714-722, jul./set. 2010.
- RESTREPO, E. Cuestiones de método: eventualización y problematización en Foucault. *Tabula Rasa*. Bogotá – Colombia: n.8, p.111-132, enero-junio, 2008.
- RIOS, G. O processo de esportivização do Taekwondo. *Pensar a Prática*. Goiânia: v.8, n.1, p.37-54, jan./jun., 2005.
- RODRIGUES, R. Fazer Kendo e pensar a educação do corpo. *Motriz*. Rio Claro: v.15, n.3, p. 648-656, jul./set, 2009.
- SILVA, M.; CARVALHO, M. Análise da suplementação nutricional dos atletas da seleção brasileira de karatê. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas: v. 24, n. 1, p. 127-137, set., 2002.
- SOARES, C. *Educação Física: raízes Europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados. 2007.
- SOARES, C. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte. In: RAGO, M; VEIGANETO, A. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SOEIRO, R; CUNHA, R. Evolução contextual do esporte/educação física no período anterior à criação da escola de educação física do exército. *Revista de Educação Física*. Rio de Janeiro: n.127, p.71-79, 2003.

THOMAZINE, S; MORAES, C; ALMEIDA, F. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de mixed martial arts. *Pensar a Prática*. Goiânia: v.11, n.3, p.281-290, set./dez. 2008.

TRUSZ, R.; NUNES, A. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. *Movimento*. Porto Alegre: v.13, n. 01, p. 179-204, jan./abr., 2007.

YONEZAWA, F. Algo se move: um elogio filosófico-ético à prática do combate como arte e educação. *Motriz*. Rio Claro: v.16, n.2, p. 348-358, abr./jun., 2010.

VI) ARREMATES PROVISÓRIOS:
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A PRODUÇÃO DE VERDADES ACERCA
DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE LUTAS

Ao olhar para o percurso de realização desta dissertação de mestrado percebo, na tentativa de escrever seu final, que nada mais posso fazer do que arremates provisórios. Primeiro porque investir na temática da relação entre Lutas e Educação Física é uma possibilidade recente, apesar do estudo demonstrar alguns nós que as amarram há bastante tempo, a produção de conhecimento sobre o assunto ainda é consideravelmente pequena. Segundo, porque assumo que a proposta de exercitar uma abordagem problematizadora do assunto e tentar escapar de caminhos pré-determinados ou procedimentos de pesquisa pré-estabelecidos foi no mínimo ousada para o espaço de tempo. Porém, não me satisfaz, enquanto pesquisador pensar, ao final do mestrado, a realização desta pesquisa de outro modo.

Diante do problema da pesquisa, identificado ou construído, “como as práticas corporais de Lutas tornaram-se objeto de discussão acadêmica e científica da Educação Física brasileira?” e do objetivo de problematizar o pertencimento dessas práticas a este campo de saberes, procurei atentar e descrever alguns regimes de verdade, jogos de regras discursivas e não-discursivas que moldam o verdadeiro e o falso de determinadas coisas. Pesquisar a constituição dessas práticas corporais, tomando-as enquanto um saber que é constantemente produzido dentro e fora dos limites acadêmicos, implicou em descrever uma disputa acerca do que é aceitável ou não para fazer parte dos domínios científicos nos quais a Educação Física se apóia.

Foi com base nesse problema apresentado enquanto pergunta que pude dar forma ao primeiro artigo que compõe esta dissertação⁴⁵. O acompanhamento das publicações acadêmicas relacionadas com o tema Lutas – seja ele nomeado assim ou por outras formas como: artes marciais, esporte de combate, jogos de lutas, entre outros – provocaram-me a afinar minhas perguntas, especificar o problema para a construção do artigo. Então, passo a questionar como estas práticas corporais aparecem no universo acadêmico e científico a partir do que se fala sobre elas? Como o movimento de produção do conhecimento constitui um saber pertinente aos domínios da Educação Física?

Esse foi o primeiro passo para mergulhar num exercício de pesquisa inspirado na análise discursiva foucaultiana. Tarefa que demandou fôlego e cuidado na tentativa de lançar um outro olhar para a produção acadêmica sobre as Lutas, inspirado num movimento de pensamento analítico denominado por Foucault de “tríplice deslocamento”⁴⁶ (2008, p.158). Movimento esse que resultou na percepção da constituição de um campo de batalha discursiva, formado pelas diferentes formas de pensamento e pautadas em suas respectivas bases epistemológicas, que se dedicavam a pensar as práticas de Lutas sob o *guarda-chuva* que sustenta a Educação Física. Especificamente, foi possível atentar para o tensionamento existente entre duas noções distintas que chamei de Artes Marciais e de Lutas. A primeira apoiada numa noção orientalista, um sentido de proteção dos significados originais dessas práticas. E, a segunda, construída através do enfraquecimento da primeira, aproximando essas práticas corporais, principalmente, a um ideário esportivo moderno e considerando a sua utilização enquanto um instrumento pedagógico.

Do exercício de escrita que resultou o primeiro artigo, surgiram indicações que implicaram em alguns movimentos (escolhas), que culminaram na realização do segundo artigo da dissertação⁴⁷. A batalha existente entre os espaços discursivos das Artes Marciais e das Lutas me levou a analisar a produção de verdades que constitui essas práticas

⁴⁵ Artes Marciais e Lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da educação física brasileira.

⁴⁶ Três cuidados que aqui assumi, como: (1) descentrar-me das tentativas de definições prontas acerca do tema; (2) deslocar-me de bases epistemológicas que fixam essa discussão sob determinados aspectos e (3) recusar-me a adotar o conhecimento produzido sobre essas práticas corporais de forma naturalizada, como algo instituído e aceito, acima de qualquer suspeita.

⁴⁷ Uma problematização acerca das Lutas enquanto saber da Educação Física: um instrumento para pedagogizar corpos.

enquanto instrumento pedagógico e saberes científico-acadêmicos para a Educação Física brasileira. Para isso, busquei apoio no referencial teórico de Michel Foucault, assumindo um procedimento próximo do que o filósofo indica por genealógico, caracterizado por “uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história” (FOUCAULT, 2009, p.7).

Diante de questões do tipo: “*como e por que* as Lutas tornam-se um dos objetos de pensamento da Educação Física?” e “como nasce um conteúdo?”, passei a investir na trama constituinte dessas práticas enquanto saber, assumindo-as como problema de pesquisa do segundo artigo. Procurei descrever alguns aparecimentos importantes na construção do pertencimento das Lutas à Educação Física brasileira, identificando outras disputas relacionadas a essa constituição histórica, a partir da produção de verdades. Assumindo a noção de verdade como algo produzido historicamente, fui guiado pelo interesse nas formas históricas de verificação. Questionar como algo ganha visibilidade em determinados espaços através do que é possível pensar e dizer sobre ele indica a existência de maneiras mais verdadeiras do que outras de se considerar um objeto. De acordo com Candiotti (2010, p.64), as formas históricas de verificação são “mecanismos e procedimentos, estratégias e práticas de poder que atuam na produção de discursos qualificados como verdadeiros”. Nesse sentido, tomei como tarefa de pesquisa descrever como e em quais condições um jogo de verdade pode emergir na história de uma prática corporal, dando a ela um reconhecimento acadêmico/científico.

Desse movimento analítico, foi possível identificar a emergência das Lutas na Educação Física brasileira como um instrumento educativo para o corpo. Elas aparecem imbricadas no movimento ginástico, que deu base para o pensamento médico e militar, dando início a construção histórica deste campo de saberes no país. Por outro lado, o atravessamento dessas práticas corporais com a ginástica, não estabelece uma relação contínua. Pudemos apontar algumas rupturas na maneira de entendê-las até que se consolidassem como conteúdo escolar. Exemplo disso, podemos citar seu aparecimento nos primeiros currículos de formação de professores, já no início do século XX, em que elas são inseridas enquanto práticas esportivas até a sua indicação como bloco de conteúdo da Educação Física escolar, indicada pelos Parâmetro Curriculares Nacionais.

Ao fim da realização dos dois artigos que compõem este estudo é notável o quanto as Lutas aparecem como mais uma peça na produção do *quebra-cabeças* que constitui historicamente a Educação Física brasileira. O movimento de olhar para surgimento desse *status* acadêmico/científico atribuído a elas tentou desestabilizar a tranquilidade com que essas práticas corporais passaram a ser tratadas na atualidade. Seu aparecimento na condição de outro saber, em diferentes momentos constitutivos da Educação Física, indica um aspecto inventivo que potencializa essa noção de pertencimento.

Nesse sentido, as Lutas enquanto um saber da Educação Física têm sido pensadas de diferentes maneiras e assumido definições “em conformidade com o discurso do momento” (VEYNE, 2011, p.166). E é de acordo com o discurso produzido pelo argumento científico que essas práticas são filtradas para dentro da Educação Física. Assim, elas aparecem tanto como um estilo de vida que deve manter determinada essencialidade preservada, até uma prática esportiva ou educativa nas escolas. Uma multiplicidade de olhares que se proliferam em direção a elas, desde sua seleção para compor o conjunto de saberes nas instituições militares até a tentativa de legitimá-las como conteúdo educativo dentro da escola.

Diria que os movimentos de pesquisa dos quais resultaram esta dissertação de mestrado, composta por dois artigos, tentam mostrar como “um certo regime de verdade e certas práticas formam assim um dispositivo de saber-poder que inscreve no real o que não existe” (VEYNE, 2011, p.166). É por esse processo que a Educação Física põe luz sobre determinadas práticas, tornando-as, sob o argumento científico, necessárias para a pedagogização do corpo. As Lutas se constituem em uma, dentre diversas, estratégias educativas produzidas e mantidas pela ordem discursiva que as tornam saberes verdadeiros, a partir de um “conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2009, p.13).

Para finalizar e evidenciar o caráter *provisório dos arremates* deste trabalho, ficam algumas indicações de possibilidades para investimentos futuros: (a) um olhar mais dedicado à emergência das Lutas enquanto um saber das instituições militares entre os séculos XIX e XX; (b) um maior detalhamento na relação das Lutas com um ideário esportivo moderno e sua influência na inserção dessas práticas corporais nos currículos, de instituições militares e civis, dedicados à formação de professores de Educação Física; (c) uma descrição da disputa jurídica de regulamentação da profissão Educação Física e seus

tangenciamentos com a pedagogização das práticas corporais de Lutas; e (d) as problematizações acerca da escolarização das Lutas enquanto estratégia potencializadora do pertencimento dessas práticas à Educação Física. São alguns pontos importantes que se constituíram em lacunas durante a realização dessa pesquisa e que merecem dedicação em outras pesquisas.

VI) REFERÊNCIAS

- ALVES JUNIOR, E. *Discutindo a violência nos esportes de luta: a responsabilidade do professor de educação física na busca de novos significados para o uso das lutas como conteúdo pedagógico*. In: XII Encontro Regional de História, 2006, Niterói: Usos do passado X II Encontro Regional de História-ANPUH-RIO. Niterói: UFF. v. 1.
- AZEVEDO, F. *Da Educação Física: o que é. O que tem sido e o que deveria ser*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- AZEVEDO, P. M, et al. Sistematização da preparação física do judoca Mário Sabino: um estudo de caso do ano de 2003. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Rio Claro: v. 26, n. 1, p. 73-86, set. 2004.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Zahar, 1998.
- BETTI, M. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
- BILIBIO, L; DAMICO, J. Carta a um jovem professor. *Cadernos de formação RBCE*. Florianópolis. v.2, n.2. p. 92-103, jul. 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/ SEF. 1998.
- CANDIOTTO, C. Foucault: uma história crítica. *Trans/Form/Ação*. São Paulo: v.29 n.2, 2006, p. 65-78
- CANDIOTTO, C. *Foucault e a crítica da verdade*. Belo Horizonte: Autêntica; Curitiba: Champagna, 2010.
- CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad: Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CAZETTO, F. Lutas e Artes Marciais na Escola: “Das Brigas aos Jogos com regras”, de Jean-Claude Olivier [Porto Alegre: Artmed, 2000]. *Motrivivência*. Florianópolis: Ano XX, n. 31, dez., 2008, p. 251-255.
- CÉSAR, M. et al. Avaliação da intensidade de esforço da luta de caratê por meio da monitorização da frequência cardíaca. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* Rio Claro: v. 24, n. 1, set. 2002, p. 73-81.
- CORDEIRO JUNIOR, O. Em busca da construção de uma proposta teóricometodológica para o ensino do judô escolar. *Pensar a Prática*. Goiânia: v.3, jul./jun, 1999-2000, p. 97-105.

- CORREIA, W. R; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz*. Rio Claro: v.16, n.1, jan./mar., 2010, p. 1-9.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.1. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- DRIGO, A. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. *Motriz*. Rio Claro: v.15, n.2, abr./jun., 2009, p. 396-406.
- ELIAS. N; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FALCÃO, J. O jogo da capoeira em jogo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas: v. 27, n. 2, jan. 2006, p. 59-74.
- FERRETTI, M; KNIJNIK, J. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. *Movimento*. Porto Alegre: v. 13, n. 1, jan./abr., 2007, p. 57-80.
- FETT, C.; FETT, W. Filosofia, ciência e a formação do profissional de artes marciais. *Motriz*. Rio Claro: v.15, n.1, jan./mar. 2009, p. 173-184.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. 3.ed. Rio de Janeiro: NAU, 2002.
- _____. *O poder Psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 511p.
- _____. *Segurança, Território e População*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- _____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Còllege de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *A arqueologia do saber*. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GÓIS JR e LOVISOLO, 2005 - *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Portugal: v.5, n.3, Set 2005, ISSN 1645, p.322-328.
- GOMES, M et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. *Movimento*. Porto Alegre: v. 16, n. 02, p. 207-227, abr./jun., 2010.
- GONÇALVES JUNIOR, L; DRIGO, A. A Regulamentação da Profissão Educação Física e as Artes Marciais. *Motriz*. Rio Claro: v.7, n.2, jul./dez., 2001 p. 131-132.
- GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: 2005.
- HOBBSBAWN, E. A invenção das tradições. HOBBSBAWN, E; TERENCE, R. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008.
- HUARD, P; WONG, M. *Cuidados e técnicas do corpo na china, no Japão e na Índia*. São Paulo: Summus, 1990.
- LAGE, V; GONÇALVES JUNIOR, L. Karatê-Do como própria vida. *Motriz*, Rio Claro: v.13, n.1, jan./mar, 2007, p.33-42.
- LARROSA, J. Lenguaje y educación. *Revista Brasileira de Educação*. n.16, jan./abr., 2001, p.68 – 80.
- LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: v.28, n.2, jan./dez., 2003, p. 101-115.

- LIMA JUNIOR, H; CHAVES JUNIOR, S. Possibilidades das lutas como conteúdo na educação física escolar: o confronto em uma abordagem pedagógica com alunos de 6ª série em um colégio estadual do município de Guarapuava-PR. *Cadernos de formação RBCE*. Florianópolis: v.2, n.1, jan., 2011, p.69-80.
- LOPES, L; TAVARES, O. A prática pedagógica dos mestres de caratê da grande Vitória (ES). *Pensar a Prática*. Goiânia: v.11, n.1, jan./jul., 2008, p. 91-97.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Campinas: Pontes. 1997.
- MILANEZ, V et al. Avaliação e comparação das respostas do esforço percebido e concentração de lactato durante uma sessão de treinamento de caratê. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá: v. 20, n. 4, 4. trim. 2009, p. 607-613.
- NASCIMENTO, P. Organização e Trato Pedagógico do Conteúdo de Lutas na Educação Física Escolar. *Motrivivência*. Florianópolis: Ano XX, n. 31, dez., 2008, p. 36-49.
- NASCIMENTO, P; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. *Movimento*. Porto Alegre: v. 13, n. 03, set./dez., 2007, p. 91-110.
- NAVARRO, M; MIYAMOTO, N; RANVAUD, R. Análise do sistema de validação de pontos no “Taekwondo”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo: v.22, n.3, jul./set., 2008, p.193-200.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- PEREIRA, L et al. A ingestão de cafeína não melhora o desempenho de atletas de judô. *Motriz*. Rio Claro: v.16, n.3, jul./set., 2010, p.714-722.
- PIMENTA, T; MARCHI Jr, W. A Constituição de um Subcampo do Esporte: o caso do Taekwondo. *Movimento*. Porto Alegre: v. 15, n. 01, jan./mar., 2009, p. 193-215.
- RESTREPO, E. Cuestiones de método: eventualización y problematización en Foucault. *Tabula Rasa*. Bogotá – Colombia: n.8, enero-junio, 2008, p.111-132.
- RIOS, G. O processo de esportivização do Taekwondo. *Pensar a Prática*. Goiânia: v.8, n.1, jan./jun., 2005, p.37-54.
- RODRIGUES, R. Fazer Kendo e pensar a educação do corpo. *Motriz*. Rio Claro: v.15, n.3, p. 648-656, jul./set, 2009.
- SAID, E. *Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SILVA, M.; CARVALHO, M. Análise da suplementação nutricional dos atletas da seleção brasileira de karatê. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas: v. 24, n. 1, set., 2002, p. 127-137.
- SILVA, T. *O currículo como fetiche: a prática e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SILVEIRA JÚNIOR E.; CARDOSO, C.; QIGONG: Uma Contribuição para a Educação Física Escolar. *Motrivivência*. Florianópolis: Ano XVI, n. 23, dez., 2004, p. 83-101.

SOARES, C. *Educação Física: raízes Européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados. 2007.

SOEIRO, R.; CUNHA, R. Evolução contextual do esporte/educação física no período anterior à criação da escola de educação física do exército. *Revista de Educação Física*. Rio de Janeiro: n.127, 2003, p.71-79.

THOMAZINE, S; MORAES, C; ALMEIDA, F. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de mixed martial arts. *Pensar a Prática*. Goiânia: v.11, n.3, set./dez. 2008, p.281-290.

TRUSZ, R.; NUNES, A. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. *Movimento*. Porto Alegre: v.13, n. 01, jan./abr., 2007, p. 179-204.

VEIGA-NETO, A. *Foucault e a Educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEYNE, P. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

YONEZAWA, F. Algo se move: um elogio filosófico-ético à prática do combate como arte e educação. *Motriz*. Rio Claro, v.16, n.2, abr./jun., 2010, p. 348-358.